



EURÁSIA EM FOCO

EDIÇÃO MAR-MAI 2026

Imagem da capa: Vista das bandeiras representantes da Organização do Tratado de Segurança Coletiva (n.d).

Fonte: © Courtesy Photo. Disponível em: <https://www.rferl.org/a/armenia-csto-summit-belarus-russia/32697282.html>. Acesso em: 01 de jun. de 2026.



Centro de
Investigação em
Rússia, Eurásia e
Espaço Pós-Soviético
UNESP-UNICAMP-PUCSP

ISSN 3085-8925

APOIO



PÓS-GRADUAÇÃO
Relações Internacionais
SAN TIAGO DANTAS

UNESP • UNICAMP • PUC-SP



Centro de
Investigação em
Rússia, Eurásia e
Espaço Pós-Soviético
UNESP-UNICAMP-PUCSP



GEDES

GRUPO DE ESTUDOS DE DEFESA
E SEGURANÇA INTERNACIONAL

ISSN 3085-8925
Volume 2, Número 5



EURÁSIA EM **FOCO**

Publicação Trimestral
Edição Março-Maio de 2026
São Paulo, 2026

COMISSÃO EDITORIAL

Pérsio Glória de Paula
Getúlio Alves de Almeida Neto
Ana Livia Ayres Cardoso

CONSELHO EDITORIAL

Ana Livia Ayres Cardoso
Ana Livia Esteves
Danielle Makio
Getúlio Alves de Almeida Neto
Guilherme Geremias da Conceição
Jonathan Christian Dias dos Santos
Maria Eduarda Carvalho de Araujo
Matheus Pereira Jorge
Nathana Garcez Portugal
Pérsio Glória de Paula
Tito Lívio Barcellos

CAPA E LAYOUT:

Guilherme Geremias da Conceição
Maria Eduarda Carvalho de Araujo

DIAGRAMAÇÃO:

Guilherme Geremias da Conceição
Jonathan Christian Dias dos Santos

REVISÃO:

Ana Livia Ayres Cardoso
Getúlio Alves de Almeida Neto
Pérsio Glória de Paula

SOBRE O EURÁSIA EM FOCO

O *Eurásia em Foco* é uma publicação trimestral criada pelo Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE). Como uma plataforma periódica em formato de boletim, seus objetivos incluem fomentar o entendimento multidimensional da Rússia e da Eurásia, oferecer panoramas informativos e breves análises críticas sobre os processos políticos, sociais, culturais e internacionais referentes à região. O *Eurásia em Foco* é um projeto que se orienta para acadêmicos, formuladores de políticas e interessados na dinâmica eurasiática. A iniciativa busca, dessa forma, consolidar-se como referência para discussões que articulem rigor acadêmico, disseminação do conhecimento, incentivo à reflexão e ao debate acerca das complexidades que permeiam o escopo geográfico de estudo e pesquisa do CIRE.

O conteúdo publicado no boletim trimestral *Eurásia em Foco* é de responsabilidade dos autores e não representa necessariamente a visão do Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE), do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES) e de suas instituições associadas.

© 2026. Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE). Todos os direitos reservados.

CONTATO:

Praça da Sé, N° 108, 3° Andar
CEP: 01001-900
São Paulo, SP, Brasil
Fone: + 55 (11) 3116-1770
E-mail: cire.ppgstd@gmail.com

REDES SOCIAIS:

Instagram: [@cire_gedes](https://www.instagram.com/cire_gedes)
X: [@cire_gedes](https://twitter.com/cire_gedes)
Site oficial: <https://gedes-unesp.org/cire/>



SUMÁRIO

1	EDITORIAL	9
	<i>Getúlio Alves de Almeida Neto</i>	
2	PANORAMA DE NOTÍCIAS	13
	Ásia Central amplia a diversificação de parcerias e reconfigura suas relações estratégicas	14
	<i>Tito Lívio Barcellos</i>	
	Bálticos aceleram a adaptação de suas estratégias de defesa, segurança e conectividade regional	18
	<i>Maria Eduarda Carvalho de Araujo</i>	
	Reconfigurações e reposicionamentos geopolíticos no Cáucaso	21
	<i>Guilherme Geremias da Conceição</i>	
	Segurança, identidade nacional e integração europeia moldam a dinâmica do espaço moldavo-ucraniano	24
	<i>Pérsio Glória de Paula</i>	
	Rússia intensifica sua atuação externa com novas parcerias em energia, defesa e cooperação política	26
	<i>Ana Livia Ayres Cardoso</i>	
	Consolidação de tendências e possíveis novos rumos	28
	<i>Pérsio Glória de Paula, Maria Eduarda Carvalho de Araujo, Ana Livia Ayres Cardoso, Guilherme Geremias da Conceição, Tito Lívio Barcellos & Getúlio A. de Almeida Neto</i>	
3	ANÁLISES ESPECIAIS	33
	Projeto Rassvet: soberania digital e infraestrutura espacial	34
	<i>Getúlio Alves de Almeida Neto</i>	
	Relações econômicas interasiáticas em transformação: o caso Uzbequistão-Indonésia	37
	<i>Jonathan Christian Dias dos Santos & Valter Peixoto Neto</i>	

4	ARTIGOS	40
	A relação entre gênero e poder no Império Mongol e o resgate histórico de Qutulun	41
	<i>Taynara Martins Batista</i>	

	SOBRE O CIRE	54
--	---------------------	-----------



1 EDITORIAL

Getúlio Alves de Almeida Neto

São Paulo, junho de 2026

O Boletim Eurásia Foco inicia, nesta edição, seu segundo ano. Com a publicação dos quatro primeiros números ao longo de 2025, o CIRE (Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético) teve como principal objetivo propor uma alternativa epistemológica nas análises sobre a região composta pelos quinze Estados que compunham a União Soviética a partir de uma perspectiva brasileira com produção em língua portuguesa. Em específico, o Boletim se insere como um canal de publicação trimestral de notícias relevantes, análises de conjuntura e artigos sobre temas que podem abranger as três linhas de pesquisa do grupo: política internacional e política externa; desenvolvimento, segurança e integração regional; história, cultura e sociedade referente aos países deste espaço geográfico.

Ao longo do ano de 2025, as quatro publicações do Eurásia em Foco discorreram sobre aumento de tensões entre as ex-repúblicas soviéticas, bem como a interação, também por vezes de forma conflituosa, entre estes Estados e países extrarregionais. A guerra entre Rússia e Ucrânia, o tensionamento e tentativas de estabilização entre Armênia e Azerbaijão, a contínua desconfiança dos países Bálticos em relação às intenções de Moscou, longos protestos na Geórgia e o papel cada mais vez mais ativo dos países da Ásia Central em suas políticas externas, dentre outras dinâmicas, refletem processos que geram instabilidade na consolidação de novas identidades político-sociais dos quinze Estados em questão após 35 anos da dissolução do bloco soviético, e de seus reposicionamentos na política internacional em um mundo cuja ordem mundial é redesenhada de forma acelerada e, por vezes, violenta.

As notícias comentadas no primeiro número deste ano evidenciam a continuidade desses processos. Em relação à Federação Russa, a diversificação e intensificação das relações de Moscou com países africanos, a formalização de relações com o governo talibã no Afeganistão e a importância do petróleo russo no comércio internacional em meio à crise decorrente da guerra dos EUA contra o Irã, reforçam o objetivo do Kremlin de estabelecer uma imagem que contrapõe a narrativa de isolamento internacional desde o início da guerra com a Ucrânia. Nas Repúblicas Ocidentais, as notícias destacam o contraste entre o posicionamento governista e da população em Moldávia em relação a uma maior aproximação com a Europa ou com a Rússia, além de tensões internas no comando militar ucraniano.

Nos países bálticos, a iniciativa de aproximação comercial e estratégica com o Azerbaijão demonstra uma busca de alternativas de parceria para a região em um momento em que a tensão militar continua a prevalecer, com o debate sobre possível aumento do serviço militar obrigatório na Estônia em razão do declínio demográfico, e da queda de drones ucranianos na Estônia e Letônia no meio da troca de ataques entre os países em guerra. No Cáucaso, podemos observar o crescente debate na política doméstica na Armênia sobre a aproximação com a Europa e as relações com a Rússia, bem como a continuidade do processo de normalização das relações entre Armênia e Azerbaijão. Por fim, as notícias selecionadas da Ásia Central evidenciam a crescente busca por emancipação da influência política, energética, e da indústria de defesa, historicamente exercida por Moscou, como visto a compra das aeronaves de transporte militar de produção brasileira, o Embraer C-390, pelo Uzbequistão, se tornando o primeiro país da Ásia Central a fazê-lo.

Duas análises de conjuntura compõem esta edição. Em “Projeto Rassvet: soberania digital e infraestrutura espacial”, escrevo sobre o lançamento oficial do primeiro conjunto de 16 satélites de órbita baixa, como parte do projeto Rassvet, cujo objetivo é estabelecer um sistema de satélites para comunicação e fornecimento de banda larga em todo o território russo, e analiso as possíveis implicações de uso dual para o Ártico. Já em “Relações econômicas interasiáticas em transformação: o caso Uzbequistão-Indonésia”, Jonathan dos Santos e Valter Neto trazem um olhar interessante sobre um objeto pouco explorado: o avanço das relações econômicas entre países da Ásia que não envolvem a participação das potências tradicionais interessadas na região - nomeadamente Rússia, China, EUA e Turquia.

Por fim, o artigo “A Relação entre Gênero e Poder no Império Mongol e o resgate histórico de Qutulun”, escrito pela convidada especial desta edição, Taynara Martins Batista, contribui com uma análise inovadora da manutenção e do resgate da memória desta personagem histórica e do papel desempenhado pelas mulheres no antigo Império Mongol. Ainda que não parte do nosso espaço geográfico delimitado pelo CIRE, e a influência histórica nos processos de formação das unidades políticas do que hoje constituem a Rússia e a Ásia Central, tornam o país também em objeto de interesse do grupo.

Neste segundo ano do Eurásia em Foco, ajustamos as publicações para três números, a serem lançados em junho, setembro e dezembro. Com este primeiro número, convidamos nossos leitores a acompanhar os desenvolvimentos sociais, políticos, culturais e econômicos em curso no espaço geográfico analisado pelo CIRE. Nos colocamos sempre abertos ao exame crítico de nossos leitores e para construção de diálogos que aprofundem e contribuam para a compreensão das lógicas regionais, na esperança de disseminar o conhecimento sobre os Estados que compunham a antiga União Soviética entre o público brasileiro.

Desejamos uma ótima leitura a todas e todos.

*Atenciosamente,
Comissão Editorial do Boletim Eurásia em Foco,
publicação trimestral do CIRE*



CONHEÇA O EDITOR DESTE NÚMERO

Getúlio Alves de Almeida Neto é doutorando e mestre em Relações Internacionais pelo Programa San Tiago Dantas (UNESP/UNICAMP/PUC-SP) e bolsista da FAPESP. Pesquisa temas relacionados à Defesa e Segurança, com foco na reestruturação militar russa pós-soviética e na política da Rússia para o Ártico. É bacharel em Relações Internacionais pela UNESP (campus de Franca).



*A tragédia e a sátira são irmãs e estão sempre de acordo;
consideradas ao mesmo tempo recebem o nome de verdade.*

Fiódor Dostoiévski, escritor russo

2 PANORAMA DE NOTÍCIAS



ÁSIA CENTRAL

ÁSIA CENTRAL AMPLIA A DIVERSIFICAÇÃO DE PARCERIAS E RECONFIGURA SUAS RELAÇÕES ESTRATÉGICAS

Tito Lívio Barcellos

Cazaquistão e Uzbequistão aderem ao “Conselho da Paz” de Donald Trump [1]

A adesão do Cazaquistão e do Uzbequistão ao embrionário "Conselho da Paz" de Donald Trump, formalizada no Fórum Econômico Mundial em Davos, reflete a histórica e complexa busca das duas maiores economias da Ásia Central por maior projeção e inserção internacional. Ao assinarem a Carta da nova organização — que buscou expandir seu escopo inicial como mediador na guerra de Gaza para promotor da estabilidade global —, os governos de Astana e Tashkent tentam legitimar sua política externa multivetorial. Entretanto, os gestos políticos feitos por ambos os países são limitados a ações simbólicas: enquanto o Cazaquistão reiterou o histórico de relações bilaterais com Washington, o Uzbequistão tentou vincular a iniciativa ao plano de paz do novo conselho à proposta cancelada pelo Conselho de Segurança da ONU.

Do ponto de vista diplomático e econômico, a movimentação expõe o pragmatismo geopolítico da região frente a uma liderança norte-americana notoriamente performática e instável do ponto de vista retórico. O principal interesse cazaque e uzbeque reside na tentativa de cortejar Washington para atrair investimentos estratégicos e, sobretudo, garantir uma inédita e histórica visita de um presidente dos EUA à região centro-asiática. Os líderes Kassym-Jomart Tokayev e Shavkat Mirziyoyev tentam capitalizar a aproximação iniciada no final de 2025 na cúpula C5+1 (que reuniu todas as lideranças políticas da Ásia Central), onde acordos em setores vitais, como minerais críticos e aviação, foram firmados. Entretanto, o balanço dessas negociações escancara a assimetria de poder, uma vez que as parcerias permanecem pesadamente inclinadas aos interesses norte-americanos.

Essa subserviência diplomática falha em camuflar o persistente isolamento e a negligência de Washington em relação à Ásia Central. Apesar da demonstração de alinhamento político em Davos, a realidade prática das relações bilaterais continua punitiva. Paralelamente às promessas de cooperação, o governo dos EUA suspendeu o processamento de vistos de imigrantes para cidadãos de Cazaquistão e Uzbequistão, além de impor rígidos programas de fianças financeiras para vistos de turismo e negócios na região. Desse modo, o ingresso no Conselho da Paz escancara a vulnerabilidade das repúblicas pós-soviéticas, que se sujeitam às

controversas regras de governança de Trump em troca de uma atenção diplomática que, historicamente, os EUA relutam em conceder.

São Paulo, janeiro de 2026

Uzbequistão se torna o primeiro cliente centro-asiático do cargueiro tático C-390 “Millennium” da EMBRAER [2]

O anúncio da Embraer durante o Show Aéreo de Singapura revelando o Uzbequistão como o primeiro comprador da Ásia Central do cargueiro militar C-390 Millennium marca uma mudança significativa nas capacidades e relações políticas do Estado pós-soviético. A Força Aérea uzbeque utilizará a aeronave para missões logísticas e humanitárias. Com capacidade de carga de até 26 toneladas e velocidade máxima de 870 km/h, o jato se destaca por sua versatilidade ao operar em pistas não pavimentadas ou temporárias, podendo atuar em regiões remotas do país carentes de infraestrutura adequada, com sistemas e peças compatíveis com os padrões de manutenção da OTAN. Essas características elevam substancialmente a capacidade de resposta a emergências e a mobilidade estratégica de Tashkent frente a terrenos desafiadores.

Para além do ganho operacional, a aquisição sinaliza o forte interesse estratégico do Uzbequistão na modernização e reestruturação das suas Forças Armadas. Ao incorporar o cargueiro brasileiro, o governo de Shavkat Mirzoev busca dotar o país de uma capacidade logística de longo alcance e alta eficiência, essencial para assegurar a soberania e a estabilidade em uma região historicamente volátil. O C-390 irá substituir aeronaves obsoletas da era soviética, inserindo o país em uma seleta rede global de operadores que inclui nações europeias e asiáticas, elevando o status internacional da aviação militar uzbeque.

O principal vetor político dessa transação reside na clara estratégia de Tashkent em diversificar seus parceiros comerciais e fornecedores de defesa, reduzindo a histórica e profunda dependência tecnológica e militar da Rússia, seu principal fornecedor. Ao aproximar-se do Brasil através do acordo com a Embraer, o Uzbequistão consolida sua política externa multivetorial, sinalizando uma abertura pragmática para além do espaço regional pós-soviético. Essa movimentação insere a república centro-asiática na cadeia global dos produtos de defesa ocidentais, mitigando riscos geopolíticos e assegurando maior autonomia estratégica em suas decisões de segurança nacional.

São Paulo, fevereiro de 2026

União Europeia sanciona empresas do Uzbequistão e Quirguistão por supostas ligações com a cadeia logística da Rússia [3][4]

A União Europeia aplicou o 20º pacote de sanções contra Moscou com o objetivo de asfixiar o complexo industrial-militar russo. No pacote, Bruxelas adotou, pela primeira vez, sua ferramenta anti-evasão a dois países da Ásia Central, sob a acusação de estarem cooperando com a logística de guerra russa na Ucrânia: o Quirguistão — investigado por Bruxelas por reexportar produtos de uso dual a

Rússia através de empresas de fachada abertas por Moscou — e o Uzbequistão, com sanções a empresas específicas, reflete o esforço de Bruxelas em asfixiar o complexo industrial-militar russo. O bloco busca interromper o fluxo sistemático de bens estratégicos para terceiros, banindo a exportação de maquinários de alta precisão e componentes de telecomunicações, como modems e roteadores usados para navegação dos veículos aéreos não-tripulados (VANTs) em território ucraniano. Paralelamente, a ofensiva visa cortar o fornecimento de matérias-primas estratégicas, visto que indústrias uzbeques como a Fábrica Química de Fergana são acusadas de abastecer fábricas russas de pólvora, insumo vital para a sustentação logística e bélica no front.

Contudo, passados mais de quatro anos do início da guerra na Ucrânia, essas medidas escancaram a frustração europeia diante da resiliência da economia russa e de sua capacidade de expansão industrial. A despeito do sufocamento financeiro ocidental, a Rússia reconfigurou suas cadeias globais de suprimentos através de rotas alternativas na Ásia Central, mantendo sua produção militar em ritmo acelerado. A necessidade da UE de punir setores inteiros de nações soberanas e expandir a lista de restrições bancárias — que já sufoca bancos quirguizes como o Tolubay e o Keremet Bank — evidencia a ineficácia prática dos pacotes anteriores em causar danos econômicos substanciais a Moscou.

Geopoliticamente, a estratégia agressiva de Bruxelas impõe sérios riscos à sua própria projeção na Ásia Central, uma vez que as sanções carecem de provas concretas publicamente validadas, gerando reações duras como a do presidente quirguiz, Sadyr Japarov, classificando os atos como interferência ocidental infundada. Ao retaliar canais comerciais e indústrias locais com base em presunções de reexportação, a UE tenciona os laços diplomáticos com esses países, cujas economias em desenvolvimento são frágeis e bastante suscetíveis a choques externos. Em vez de isolar a Rússia, a imposição dessas sanções secundárias punitivas tende a afastar a Ásia Central de uma aproximação com o bloco europeu, empurrando a região de volta à órbita securitária e comercial de Moscou e Pequim.

São Paulo, abril de 2026

[Cazaquistão buscará encerrar a importação de eletricidade da Rússia a partir de 2027 \[5\]](#)

O plano do Cazaquistão de alcançar a autossuficiência e zerar as importações de eletricidade até 2027 reflete um amadurecimento estratégico em sua infraestrutura nacional. Impulsionado por um robusto plano de 81 projetos de energia avaliado em mais de US\$25 bilhões, o país redesenhou sua arquitetura energética na Ásia Central. Longe de representar um rompimento abrupto com os parceiros tradicionais, a reconfiguração de empreendimentos termelétricos em cidades como Semey e Ust-Kamenogorsk — capitaneados por consórcios nacionais, de Singapura e China — demonstra uma busca pragmática por financiamento ágil e tecnologias complementares que aceleram a modernização de sua matriz elétrica.

Essa postura soberana viabiliza uma diversificação de fornecedores altamente vantajosa para o desenvolvimento econômico de Astana. A introdução

da China como peça-chave no fornecimento de equipamentos para a usina de Ekibastuz GRES-2, por exemplo, gerou uma economia de US\$500 milhões e otimizou custos operacionais. No entanto, o Cazaquistão equilibra essa abertura de mercado conciliando com maior presença nacional no setor de geração energética. Essa abordagem multi-vetorial permite que o governo cazaque mitigue riscos regionais enquanto fomenta um ambiente competitivo para investimentos globais em infraestrutura.

A maior evidência desse equilíbrio estratégico reside na condução do programa de energia nuclear do país. Apesar da forte concorrência de consórcios franceses, sul-coreanos e chineses, Astana selecionou a estatal russa Rosatom - líder mundial na construção e operação de centrais nucleares - sendo a responsável por materializar seu primeiro parque nuclear. A decisão consagra uma parceria de longo prazo baseada na sinergia tecnológica, na integração pré-existente de redes e na segurança regulatória mútua. Dessa forma, o Cazaquistão demonstra que a busca por autonomia energética e diversificação de novos atores caminha em paralelo com a manutenção dos laços estratégicos com o Kremlin.

São Paulo, maio de 2026



REPÚBLICAS BÁLTICAS

BÁLTICOS ACELERAM A ADAPTAÇÃO DE SUAS ESTRATÉGIAS DE DEFESA, SEGURANÇA E CONECTIVIDADE REGIONAL

Maria Eduarda Carvalho de Araujo

Drones ucranianos caem nos Bálticos e geram crise política
[\[6\]](#)[\[7\]](#)[\[8\]](#)[\[9\]](#)[\[10\]](#)[\[11\]](#)[\[12\]](#)

Em março de 2026, Estônia e Letônia relataram a entrada de drones ucranianos em seus espaços aéreos a partir do território russo, reacendendo preocupações nos países bálticos quanto ao possível transbordamento da guerra na Ucrânia para outras regiões. Um dos drones atingiu a estrutura de uma usina nuclear em Auvere, na Estônia, enquanto outro caiu em solo estoniano sem causar danos. Já na Letônia, um terceiro drone explodiu na região sul de Kraslava, também sem provocar vítimas ou prejuízos significativos. Os incidentes ocorreram no mesmo período em que a Ucrânia conduzia uma série de ataques com drones contra o porto de Ust-Luga, um importante terminal de exportação de petróleo localizado no Golfo da Finlândia, no Mar Báltico, a cerca de 25 km da fronteira estoniana. Autoridades estonianas e letãs confirmaram que os artefatos que atingiram seus territórios eram de origem ucraniana.

Outro episódio semelhante envolveu a queda de um drone ucraniano na Lituânia, próximo à fronteira com Belarus, indicando que esse tipo de desvio visto em março não é isolado. Casos anteriores também já haviam sido registrados, como em setembro de 2025, quando a Polônia, com apoio das forças da OTAN, interceptou drones que violavam seu espaço aéreo durante ataques russos à Ucrânia. Entre as explicações plausíveis para esses desvios está a interferência eletromagnética, capaz de comprometer o sinal de GPS e alterar a trajetória dos drones. Nesse contexto, autoridades estonianas destacaram que os dispositivos não tinham como alvo o país, mas eram um efeito colateral direto da guerra em curso.

Apesar da apreensão gerada, o diretor do serviço de inteligência externa estoniano, Kaupo Rosin, afirmou em entrevista que a Rússia não demonstra, no momento, intenção de atacar os países bálticos ou outros membros da OTAN. Segundo ele, Moscou tende a privilegiar estratégias indiretas e mais sutis, como a desaceleração do rearmamento europeu, o uso de ações híbridas e a exploração das fissuras na coesão ocidental, desenhando um cenário de tensão persistente, mas ainda distante de uma escalada e expansão da guerra.

Contudo, no dia 7 de maio, três drones ucranianos invadiram o espaço aéreo letão. Um deles atingiu uma instalação de produtos petrolíferos, próximo

da cidade de Rezekne. Embora não tenha havido vítimas, a população considerou lenta e insuficiente a resposta das autoridades locais. Nesse contexto, a primeira-ministra letã, Evika Silina, demitiu seu ministro da Defesa, Andris Spruds, em crítica à sua gestão. Em retaliação, o partido de Spruds retirou seu apoio à coalizão governamental, levando ao colapso do governo e à renúncia de Silina em 14 de maio. Esse episódio ilustra em parte os comentários de Rosin ao mostrar como um erro operacional expôs fragilidades na governança local, desencadeando uma crise política em um dos países que mais demonstram apoio à Ucrânia.

Moscou, junho de 2026

O Azerbaijão na estratégia de diversificação econômica e logística das Repúblicas Bálticas [12][13]

O mês de abril foi marcado por visitas de importantes lideranças das Repúblicas Bálticas ao Azerbaijão, em uma estratégia voltada à ampliação da cooperação nos setores de energia, comércio e transporte. Essas iniciativas refletem os desafios enfrentados pela Europa em relação às cadeias de suprimentos e à fragilização de suas parcerias internacionais. Nesse cenário, a Ásia Central ganha relevância como espaço estratégico para o fortalecimento de vínculos diplomáticos e econômicos.

Nesse contexto, o presidente da Letônia, Edgars Rinkēvičs, realizou uma visita oficial ao Azerbaijão em abril. Antes dos compromissos políticos, prestou homenagem na Alameda das Honras e na Alameda dos Mártires, em memória de Heydar Aliyev e dos combatentes azerbaijanos, além de depositar flores nos túmulos de Aziz Aliyev, Zarifa Aliyeva e Tamerlan Aliyev. Durante os encontros bilaterais, ambas as partes ressaltaram a importância de aprofundar a cooperação em áreas como energia, comércio, conectividade e digitalização. O presidente azerbaijano, Ilham Aliyev, destacou que a visita poderia abrir novas oportunidades para o relacionamento entre os dois países. Também foi debatido o apoio letão às negociações entre a União Europeia e o Azerbaijão para a implementação de um regime de isenção de vistos. No campo econômico, Rinkēvičs classificou o Azerbaijão como um parceiro estratégico, destacando o crescimento de 70% no comércio bilateral desde 2022.

Ainda em abril, a primeira-ministra da Lituânia, Inga Ruginienė, também visitou Baku com o objetivo de fortalecer as relações econômicas e políticas com o Azerbaijão. As discussões concentraram-se igualmente nos setores de energia, comércio, transporte e segurança. Em um ambiente internacional marcado por incertezas, Ruginienė enfatizou a necessidade de estreitar a cooperação com parceiros considerados estratégicos. A área de defesa recebeu atenção especial durante a visita, uma vez que o Azerbaijão vem investindo no desenvolvimento de capacidades tecnológicas militares. A delegação lituana manifestou interesse em ampliar o intercâmbio de experiências e conhecimentos nesse campo. Já no plano econômico, ambos os países reafirmaram o interesse em expandir o comércio e a colaboração em logística, agricultura, serviços digitais e desenvolvimento

industrial.

Para as delegações letã e lituana, a conectividade regional ocupou posição central nas discussões, especialmente em relação ao Corredor de Transporte Transcaspiano, também denominado como The Middle Corridor. Essa rota de transporte é considerada uma iniciativa de grande valor para a União Europeia, uma vez que conecta o Mar Cáspio ao Mar Negro, passando pela Turquia em direção ao continente europeu. Ambas as delegações reconheceram que, em um contexto de crescentes tensões geopolíticas e fragmentação de parcerias internacionais, o corredor é visto não só como uma alternativa relevante para diversificar fluxos comerciais e logísticos, mas também como uma infraestrutura estratégica para a integração econômica euroasiática. Ao conectar mercados do Oriente e do Ocidente, a rota oferece novas possibilidades de acesso comercial e reforça a posição do Azerbaijão como um dos principais centros logísticos da região.

Assim, o papel do Azerbaijão como elo entre a Europa e a Ásia foi um dos principais pontos convergentes das agendas letã e lituana. Para ambos os países, sua posição geográfica e sua infraestrutura de transporte ampliam as oportunidades de integração econômica com mercados asiáticos. No setor energético, as conversas abordaram oportunidades relacionadas às energias renováveis, à eficiência energética e às tecnologias voltadas para a transição verde, em consonância com os esforços europeus de diversificação de fornecedores e fontes de energia.

Moscou, abril de 2026

Estônia debate ampliação do serviço militar obrigatório diante do declínio demográfico [14]

A Estônia poderá considerar a implementação do serviço militar obrigatório para mulheres nas próximas décadas em resposta à queda contínua das taxas de natalidade e à redução do número de homens aptos para o recrutamento. Segundo Anu Rannaveski, diretora da Agência de Recursos de Defesa da Estônia, as projeções indicam que, até 2040, o país poderá enfrentar dificuldades para preencher as cerca de 4.100 vagas anuais previstas em seu planejamento de defesa. Atualmente, o serviço militar é obrigatório apenas para homens, enquanto as mulheres podem ingressar voluntariamente nas Forças Armadas.

No entanto, a diminuição do número de nascimentos masculinos tem levado autoridades estonianas a discutir a adoção de um sistema de conscrição neutro em termos de gênero. Rannaveski afirmou que a questão não é mais se essa mudança ocorrerá, mas quando ela será necessária. O debate ocorre em um contexto de fortalecimento da postura defensiva da Estônia desde o início da guerra na Ucrânia e acompanha uma tendência observada em outros países europeus. Noruega e Suécia já adotaram sistemas de conscrição obrigatória para ambos os sexos, enquanto a Dinamarca passou a incluir mulheres no recrutamento em 2026 e a Letônia avalia implementar medida semelhante nos próximos anos.

Moscou, maio de 2026

CÁUCASO

RECONFIGURAÇÕES E REPOSICIONAMENTOS
GEOPOLÍTICOS NO CÁUCASO*Guilherme Geremias da Conceição*

Armênia, membro da OTSC, firma acordo militar com Polônia,
membro da OTAN [15]

Durante visita oficial de Nikol Pashinyan à Varsóvia, em fevereiro, Armênia e Polônia assinaram um acordo de cooperação técnico-militar. Embora os detalhes do documento não tenham sido divulgados, o primeiro-ministro polonês, Donald Tusk, destacou a importância estratégica da parceria para a segurança regional. Ainda segundo Tusk, a aproximação militar entre os dois países contribuirá para a segurança do Estado caucasiano e também para a estabilidade do leste europeu, uma vez que o governo armênio vem encontrando apoio na União Europeia (UE) por sua trajetória democrática.

Durante o encontro, Pashinyan reafirmou o interesse de sua administração em aprofundar a integração com o bloco europeu. Ele lembrou que o Parlamento armênio já aprovou uma legislação para iniciar o processo de adesão à UE, embora o país ainda não tenha apresentado um pedido formal de ingresso. O premiê também defendeu que democracia e segurança nacional não são incompatíveis e, de acordo com ele, a Polônia representa um exemplo de como um sistema democrático pode coexistir com uma estrutura de defesa sólida e amplas parcerias internacionais.

Além das questões europeias, Pashinyan abordou o processo de normalização das relações entre a Armênia e a Turquia, destacando que já existem voos regulares entre os dois Estados, e afirmou que seu governo negocia com a UE apoio para a construção de novas infraestruturas fronteiriças. Ainda, reiterou ainda que a Yerevan está disposta a permitir o trânsito terrestre entre a Turquia e o Azerbaijão, em ambas as direções, como parte dos esforços para ampliar a conectividade regional. Ao mesmo tempo, confirmou que a participação da Armênia na Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC) permanece congelada, evidenciando o delicado equilíbrio da política externa nacional entre suas alianças tradicionais com a Rússia e a crescente aproximação com o Ocidente.

São Paulo, fevereiro de 2026.

Enquanto a cooperação “Middle Corridor” avança, como fica a situação
fronteiriça armênia-azerbaidjã? [16][17]

Em abril, Azerbaijão e Cazaquistão intensificaram sua cooperação para

desenvolver o chamado “Corredor do Meio”, ou Middle Corridor, rota de transporte que conecta a China à Europa através da Ásia Central, do Mar Cáspio e do Cáucaso do Sul, evitando os territórios da Rússia e do Irã. Durante reunião da Organização dos Estados Turcos (OTS), o primeiro-ministro do Cazaquistão, Olzhas Bektenov, anunciou que Astana pretende assinar ainda este ano um acordo intergovernamental com o Azerbaijão para fortalecer o corredor. Os dois países também manifestaram interesse em desenvolver conjuntamente o projeto conhecido como “Corredor de Zangezur”, que ligará o Azerbaijão ao enclave de Nakhchivan através do sul da Armênia.

As autoridades ainda afirmam que o aumento das tensões geopolíticas e as dificuldades logísticas envolvendo o Irã elevaram a importância estratégica da rota, sendo que, em 2025, o volume de contêineres transportados pelo Corredor do Meio cresceu 15%, reforçando seu papel como alternativa para o comércio entre Ásia e Europa. Paralelamente, e não coincidentemente, Azerbaijão e Armênia também avançaram no processo de delimitação de suas fronteiras. Em reunião realizada em Aghveran, as comissões dos dois Estados aprovaram projetos de instruções técnicas para os trabalhos de demarcação, que agora serão encaminhados aos respectivos governos. O encontro representa mais um passo nas negociações pós-guerra entre os dois vizinhos. Desde 2024, Armênia e Azerbaijão vêm implementando medidas práticas de demarcação, incluindo a instalação dos primeiros marcos fronteiriços e a definição de trechos da fronteira comum, em meio aos esforços para consolidar a normalização das relações bilaterais.

São Paulo, abril de 2026.

Governo da Armênia no “meio do caminho” entre aprofundar a parceria estratégica com a UE ou permanecer na UEE [18][19]

O aprofundamento das relações entre a Armênia e a UE voltou a provocar reações dos parceiros da União Econômica Eurasiática (UEE). Em conversa telefônica realizada no mês de abril, o ministro das Relações Exteriores armênio, Ararat Mirzoyan, e a chefe da diplomacia da UE, Kaja Kallas, discutiram medidas para fortalecer a parceria estratégica entre Yerevan e Bruxelas. Os dois dirigentes também trataram de futuras visitas de alto nível, iniciativas de cooperação e da situação no Oriente Médio, avaliando possíveis caminhos para a resolução das tensões na região, especialmente a crise do Irã.

Enquanto a cooperação com os europeus avança, os líderes da UEE demonstraram preocupação com os rumos políticos do país. Em uma declaração conjunta divulgada em maio pelos governos de Rússia, Belarus, Cazaquistão e Quirguistão, seus representantes defenderam a realização de um referendo nacional na Armênia para que a população decida entre a adesão à UE ou a permanência no bloco econômico liderado por Moscou. O documento ressalta que os “preparativos armênios” para uma eventual integração europeia representam riscos à segurança econômica dos demais membros da organização eurasiática. Além disso, foi anunciado que o Conselho Intergovernamental Eurasiático apresentará, em dezembro, um relatório avaliando os possíveis impactos de uma possível suspensão da participação armênia no bloco.

O debate ocorre em meio ao crescente distanciamento entre Yerevan e algumas estruturas lideradas pela Rússia. Ainda em abril, Vladimir Putin afirmou à Pashinyan que Moscou encara com tranquilidade a aproximação da Armênia com a UE, no entanto, ressaltou que o país não poderá integrar simultaneamente duas instituições regionais. Posteriormente, o presidente do Parlamento armênio, Alen Simonyan, declarou que o governo poderia deixar tanto a OTSC quanto a UEE caso o Kremlin decida aumentar os preços do gás exportado ao país. Contudo, apesar da declaração, Simonyan afirmou acreditar que esse cenário não deve se concretizar, citando o diálogo positivo mantido entre as lideranças dos dois países.

São Paulo, maio de 2026.



REPÚBLICAS OCIDENTAIS

SEGURANÇA, IDENTIDADE NACIONAL E INTEGRAÇÃO EUROPEIA MOLDAM A DINÂMICA DO ESPAÇO MOLDAVO- UCRANIANO

Pérsio Glória de Paula

O debate sobre a unificação moldavo-romena e seus limites políticos [20][21]

No começo do ano, a presidente da Moldávia, Maia Sandu, recolocou a reunificação com a Romênia no debate regional ao afirmar que votaria a favor da união caso a proposta fosse submetida a referendo. A declaração tem peso político já que Sandu lidera o campo pró-europeu moldavo e associa a aproximação com Bucareste à preservação desse bloco diante da pressão russa e da guerra na Ucrânia. A unificação atrai setores unionistas por razões históricas, linguísticas e estratégicas, uma vez que a Romênia oferece uma referência estatal consolidada dentro da União Europeia e da OTAN. O governo moldavo, porém, trata a pauta com prudência em razão da rejeição à proposta pela maior da população, enquanto a integração europeia possui maior legitimidade social e menor potencial de ruptura interna. Essa prudência também leva em consideração o contexto atual, já que há pontos de tensão para a consolidação desse vetor unionista, como a questão da Transnístria, que permanece fora do controle efetivo de Chisinau, a situação da Gagaúzia, que abriga resistências políticas ao vetor pró-europeu, e a própria neutralidade moldava, definida na constituição do país e que limita qualquer mudança brusca de orientação estratégica.

Niterói, junho de 2026

Demissões no alto escalão militar ucraniano [22]

A queda de altos quadros da defesa e da segurança ucranianas expôs uma crise de comando em meio ao prolongamento da guerra contra a Rússia. Em janeiro, a Verkhovna Rada, parlamento ucraniano, aprovou a saída de Vasyl Maliuk da chefia do Serviço de Segurança da Ucrânia e de Denys Shmyhal do Ministério da Defesa, substituído por Mykhailo Fedorov da pasta da Transformação Digital, abrindo uma disputa sobre a condução política de setores diretamente vinculados ao esforço de guerra. A decisão ocorreu após meses de pressão russa sobre o front, desgaste da infraestrutura energética e denúncias de corrupção envolvendo a Energoatom, fatores que atingiam simultaneamente a capacidade operacional do Estado e a confiança de parceiros ocidentais. A indicação de Mykhailo Fedorov para a Defesa

mostra a aposta de Kyiv em drones, digitalização e gestão tecnológica como resposta a limitações materiais e humanas que o comando anterior não conseguiu superar. A substituição de Maliuk, associado a operações assimétricas contra alvos russos, acrescentou tensão ao processo, pois atingiu uma área sensível da guerra clandestina ucraniana.

Niterói, fevereiro de 2026

Moldávia e os custos da orientação Pró-ocidental [23][24]

Em maio, os limites da orientação pró-Occidental da Moldávia se tornaram mais nítidos, tanto pelo aumento das divergências entre as elites políticas governantes, alinhadas ao projeto ocidental e as bases sociais do país, quanto pela intensificação de condicionantes geopolíticos. No plano interno, o chanceler moldavo Mihai Popsoi reconheceu que a adesão à OTAN não possui apoio majoritário, com pesquisas indicando rejeição expressiva da população a uma eventual entrada na Aliança. Essa resistência também dialoga com a polarização em torno da reunificação com a Romênia, uma vez que parte da sociedade prefere a preservação da independência estatal, da neutralidade constitucional e uma geopolítica menos exposta aos efeitos da escalada regional. Por ser uma ex-república soviética, diversos segmentos do país ainda conservam vínculos sociais, culturais e econômicos com a Rússia. Além disso, no plano geopolítico, o decreto russo que simplificou a obtenção de cidadania para residentes da Transnístria (Pridnestrovie) reforçou os vínculos jurídicos e políticos entre Moscou e a região separatista. Assim, há indícios que um alinhamento incondicional moldavo ao Ocidente encontra obstáculos territoriais, identitários e geopolíticos capazes de alimentar tensões em uma região já desestabilizada pelo conflito ucraniano.

Em conjunto, as notícias evidenciam o estreitamento da margem de manobra de atores pequenos e médios da região diante do conflito na Ucrânia e do acirramento da disputa entre grandes blocos de poder. Na Moldávia, a aproximação com a União Europeia convive com resistências sociais à OTAN e à reunificação com a Romênia, além de condicionantes geopolíticos e territoriais ligados à questão da Transnístria. Na Ucrânia, a queda de altos quadros dos setores de defesa e segurança expõe fragilidades políticas e militares de um país marcado por perdas humanas e materiais significativas, atrito acumulado e dependência estrutural do apoio ocidental.

Niterói, junho de 2026



FEDERAÇÃO RUSSA

RÚSSIA INTENSIFICA SUA ATUAÇÃO EXTERNA COM NOVAS PARCERIAS EM ENERGIA, DEFESA E COOPERAÇÃO POLÍTICA

Ana Livia Ayres Cardoso

Rússia envia primeiro carregamento de petróleo para as Filipinas em cinco anos [25]

Em meio à crise energética, as Filipinas compram petróleo russo após cinco anos. O cenário doméstico, provocado pela dependência do petróleo do Oriente Médio, cuja distribuição estava comprometida pelo bloqueio iraniano ao Estreito de Ormuz, em meio à guerra entre Irã e Estados Unidos, resultou na necessidade de explorar e negociar com outros fornecedores. A compra tornou-se possível após a suspensão, por trinta dias, das sanções dos Estados Unidos sobre o petróleo russo, medida que permitiu a países comprar cargas que já estivessem em trânsito. Reportagens indicam que um petroleiro transportava cerca de 100.000 toneladas de petróleo bruto do porto de Kozmino, na Rússia, diretamente para a refinaria da Petron, em Bataan, nas Filipinas, chegando ao destino em 23 de março de 2026. Ainda que a Rússia não seja uma fornecedora tradicional de energia para as Filipinas, a secretária de Energia afirmou que o país estava considerando todas as possibilidades para garantir seu abastecimento energético, incluindo a China e a própria Rússia.

São Paulo, junho de 2026

Putin e Sassou-Nguesso reforçam agenda de cooperação entre Rússia e República do Congo [26][27]

Em 29 de abril, Vladimir Putin recebeu Denis Sassou-Nguesso, presidente da República do Congo, no Kremlin, em Moscou. O encontro teve como foco o desenvolvimento das relações bilaterais entre os dois países, especialmente na esfera econômica, além de temas da agenda internacional. Segundo declarações divulgadas pelo Kremlin, Putin apontou a exploração geológica, a energia, a logística, a agricultura e outros setores como áreas promissoras de cooperação. Sassou-Nguesso, por sua vez, afirmou que estavam reunidas as condições para a implementação bem-sucedida de projetos conjuntos entre a Rússia e a República do Congo.

São Paulo, junho de 2026

Rússia e Afeganistão estreitam laços com acordo de cooperação militar [28]

No mês de maio, a Rússia e o governo talibã do Afeganistão assinaram um acordo de cooperação militar. Firmado durante um fórum internacional de segurança na região de Moscou, após uma reunião entre Sergei Shoigu e Mohammad Yaqoob, Secretário do Conselho de Segurança da Federação Russa e Ministro da Defesa do Afeganistão, respectivamente, o acordo teve seus termos específicos mantidos em sigilo. Em julho de 2025, a Rússia tornou-se o primeiro Estado a reconhecer o Emirado Islâmico do Afeganistão, após remover o Talibã de sua lista de organizações terroristas e receber um embaixador afegão em Moscou. Especialistas avaliam que o acordo tem caráter principalmente simbólico, funcionando mais como uma formalização da relação entre Moscou e Cabul do que como o início de uma parceria militar profunda. Ruslan Suleimanov, analista do *New Eurasian Strategies Center* (NEST), afirma que não se deve esperar uma aliança militar plena ou uma coalizão de defesa mútua.

Em conjunto, as notícias apontam para uma tentativa russa de ampliar e formalizar relações bilaterais com diferentes atores do Sul Global, especialmente em regiões como África e Ásia. Ao analisar os casos do Congo e do Afeganistão, a aproximação ocorre de forma mais institucionalizada, envolvendo planos de cooperação bilateral em diferentes áreas e um acordo militar, respectivamente. Já no caso do fornecimento energético às Filipinas, a relação parece mais circunstancial do que institucional, resultante de uma crise energética doméstica filipina, revelando a Rússia como um fornecedor energético relevante para países que buscam reduzir sua dependência de fontes tradicionais, especialmente do Oriente Médio.

São Paulo, junho de 2026



SÍNTESE DO TRIMESTRE

CONSOLIDAÇÃO DE TENDÊNCIAS E POSSÍVEIS NOVOS RUMOS

Pérsio Glória de Paula
Maria Eduarda Carvalho de Araujo
Ana Livia Ayres Cardoso
Guilherme Geremias da Conceição
Tito Lívio Barcellos
Getúlio A. de Almeida Neto

Os primeiros meses de 2026 confirmam duas tendências principais na região da Eurásia: a tentativa de uma política externa mais autônoma e multivetorial, intra e extrarregional, de países que historicamente pertenciam fortemente à zona de influência política, militar, econômica e energética da Federação Russa, sobretudo na Ásia Central; e maior estabilização das relações no Cáucaso entre Armênia e Azerbaijão, sob influência do governo de Donald Trump e disputas políticas internas em Yerevan sob os rumos do país no que tange maior aproximação à Europa ou reaproximação com Moscou e países da União Econômica Eurasiática.

Em relação aos Países Bálticos, observa-se o alargamento da noção de segurança, que deixa de se restringir ao campo militar e passa a assumir um caráter sistêmico, abrangendo questões de segurança aérea, dinâmicas de guerra híbrida, resiliência econômica e logística, bem como a importância, a médio e longo prazo, de garantir capacidades demográficas. Assim, a guerra na Ucrânia não constitui apenas o eixo central das preocupações securitárias das Repúblicas Bálticas, mas atua como um catalisador de uma agenda mais ampla de mitigação de vulnerabilidades que tocam outros setores essenciais desses países. No caso russo, evidencia-se a busca por maior institucionalização das relações de Moscou com países da África, como visto na visita de Denis Sassou Nguesso, presidente da República do Congo ao Kremlin, em maio passado, e a menção feita à próxima Cúpula Rússia-África, em outubro deste ano, e no reconhecimento formal do governo afegão do Talibã. Nas Repúblicas Ocidentais, o caso da Moldávia reflete o interessante debate entre o posicionamento divergente entre sociedade e governo no que tange às possibilidades de adesão ao bloco europeu, à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), e a reunificação com a Romênia, principalmente em razão da delicada questão da Transnístria. Já em relação à Ucrânia e Belarus, as dinâmicas continuam a se desenrolar em razão do conflito estagnado em solo ucraniano.

Por fim, vale destacar o efervescente cenário da Ásia Central. Buscando se desvencilhar da percepção de um mero “quintal russo”, ou de atores passivos no tabuleiro eurasiático como foco de disputa de influência por atores como China,

Turquia e EUA, países como o Cazaquistão e o Uzbequistão, utilizam a diplomacia multivetorial de forma pragmática para atrair investimentos e diversificar suas parcerias econômicas e estratégicas, demonstrando o firme propósito de modernizar suas estruturas nacionais e ampliar seus horizontes comerciais em um mundo globalizado e competitivo. Contudo, essa busca por novos parceiros não implica um rompimento diplomático ou qualquer hostilidade em relação a Moscou. Isso fica evidente, por exemplo, com a escolha da estatal russa Rosatom pelo Cazaquistão para construção do seu parque nuclear, em detrimento de concorrentes chineses e franceses, e a contínua dependência logística uzbeque evidenciam a manutenção de uma relação altamente pragmática e madura, além da assinatura de tratados durante a cúpula da União Econômica Eurasiática (UEE), ocorrida em maio último em Astana, no Cazaquistão. Astana e Tashkent reconhecem e respeitam a profunda interdependência estratégica, infraestrutural e de segurança que historicamente os une ao Kremlin, que pode ser ainda mais aprofundada em razão da postura punitiva de Washington e Bruxelas e instituições públicas e privadas dos países centro-asiáticos, o que marginaliza e sufoca essas economias em desenvolvimento.

Nesse cenário, pode-se vislumbrar um ano de 2026 marcado pela crescente tentativa dos países eurasiáticos em estabelecerem uma política externa independente, diversificar parceiros, buscar estabelecer ganhos das relações com grandes potências e debates locais sobre os rumos políticos a serem tomados. Evitando análises catastróficas sobre disputas geopolíticas, é essencial a compreensão de que os desdobramentos regionais observados pelo Boletim Eurásia em Foco ao longo deste ano terão papel de ainda mais destaque nas relações internacionais.

FONTES

- [1] THE DIPLOMAT. Kazakhstan, Uzbekistan Sign On to Trump's "Board of Peace". jan. 2026. Disponível em: <https://thedi diplomat.com/2026/01/kazakhstan-uzbekistan-sign-on-to-trumps-board-of-peace/>. Acesso em: 17 jul. 2026.
- [2] TIMES OF CENTRAL ASIA. Uzbekistan Becomes First Central Asian Buyer of Embraer's C-390. jan. 2026. Disponível em: <https://timesca.com/uzbekistan-becomes-first-central-asian-buyer-of-embraer-c-390/>. Acesso em: 17 jul. 2026.
- [3] THE DIPLOMAT. EU Aims Sanctions Anti-Circumvention Tool at Kyrgyzstan. abr. 2026. Disponível em: <https://thedi diplomat.com/2026/04/eu-aims-sanctions-anti-circumvention-tool-at-kyrgyzstan/>. Acesso em: 17 jul. 2026.
- [4] UZ DAILY. EU Imposes Sanctions on Uzbek Companies Over Russia Links. abr. 2026. Disponível em: <https://www.uzdaily.uz/en/eu-imposes-sanctions-on-uzbek-companies-over-russia-links/>. Acesso em: 17 jul. 2026.
- [5] THE MOSCOW TIMES. Kazakhstan Says It Will End Russian Electricity Imports by 2027. 5 maio 2026. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2026/05/05/kazakhstan-says-it-will-end-russian-electricity-imports-by-2027-a92691>. Acesso em: 17 jul. 2026.
- [6] AL JAZEERA. Estonia, Latvia report drone incursions from Russian airspace: Riga said drone that crashed in its territory may be Ukrainian and is investigating. 2026. Al Jazeera. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2026/3/25/estonia-latvia-report-drone-incursions-from-russian-airspace>. Acesso em: 06 abr. 2026.
- [7] AL JAZEERA. Polish and NATO forces scramble to shoot down Russian drones: Prime Minister Donald Tusk says military defences deployed after 'multiple violations of Polish airspace'. 2025. Al Jazeera. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2025/9/10/poland-downs-drones-during-airspace-intrusion-as-russia-strikes-ukraine>. Acesso em: 06 abr. 2026.

- [8] DANIEL, Orestes Georgiou; RUITER, Emma de. Drones from Russian airspace hit Estonian and Latvian territory, authorities say. 2026. Euronews. Disponível em: <https://www.euronews.com/2026/03/25/russian-drone-strikes-estonia-power-plant-chimney-authorities-say>. Acesso em: 06 abr. 2026.
- [9] GÓRSKI, Michał. Estonian intelligence: Russia isn't planning an attack on NATO. 2026. Defence24.com. Disponível em: <https://defence24.com/geopolitics/estonian-intelligence-russia-isnt-planning-an-attack-on-nato>. Acesso em: 06 abr. 2026.
- [10] GOZZI, Laura. Estonia and Latvia say territories hit by stray Ukrainian drones. 25 mar. 2026. BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/c1eq1309n12o>. Acesso em: 06 abr. 2026.
- [11] GOZZI, Laura. Latvian PM resigns after row over stray Ukrainian drones. 14 mai. 2026. BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/cwy21k5917jo>. Acesso em: 07 jun. 2026.
- [12] RUSTAMOVA, Saida. Lithuania and Azerbaijan expand business ties with focus on energy, trade and EU connectivity. 10 abr. 2026. Euronews. Disponível em: <https://www.euronews.com/2026/04/10/lithuania-and-azerbaijan-expand-business-ties-with-focus-on-energy-trade-and-eu-connectivi>. Acesso em: 07 jun. 2026.
- [13] LAVRINA, Anastasiya; AZIZLI, Nazrin. Latvian president's Azerbaijan visit highlights growing cooperation. 22 abr. 2026. AnewZ. Disponível em: <https://anewz.tv/region/south-caucasus/19582/latvia-azerbaijan-ties-deepen-amid-global-shifts/news>. Acesso em: 07 jun. 2026.
- [14] ANWER, Ammar; KONONCZUK, Piotr. Estonia may have to draft women as male birth rates plummet. 28 mai. 2026. Telewizja Polska S. A. w likwidacji. Disponível em: <https://tvpworld.com/93517473/falling-male-births-could-force-estonia-to-conscript-women-by-2040>. Acesso em: 07 jun. 2026.
- [15] APA. CSTO member Armenia inks defense agreement with NATO country Poland. 2026. APA. Disponível em: <https://en.apa.az/cis-countries/csto-member-armenia-inks-defense-agreement-with-nato-country-poland-493343>. Acesso em: 16 jul. 2026.
- [16] JAMESTOWN FOUNDATION. Azerbaijan and Kazakhstan Move to Institutionalize the Middle Corridor. 2026. The Jamestown Foundation. Disponível em: <https://jamestown.org/azerbaijan-and-kazakhstan-move-to-institutionalize-the-middle-corridor/>. Acesso em: 16 jul. 2026.
- [17] CASPIAN NEWS. Azerbaijan, Armenia advance border delimitation process. 2026. Caspian News. Disponível em: <https://caspiannews.com/news-detail/azerbaijan-armenia-advance-border-delimitation-process-2026-4-30-0/>. Acesso em: 16 jul. 2026.
- [18] ANADOLU AGENCY. Armenia, EU discuss advancing strategic partnership. 2026. Anadolu Agency. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/en/eurasia/armenia-eu-discuss-advancing-strategic-partnership/3896513/>. Acesso em: 16 jul. 2026.
- [19] APA. EAEU leaders support referendum in Armenia on EU membership or remaining in the union. 2026. APA. Disponível em: <https://en.apa.az/cis-countries/eaau-leaders-support-referendum-in-armenia-on-eu-membership-or-remaining-in-the-union-509104>. Acesso em: 16 jul. 2026.
- [20] RTP. Presidente da Moldávia votaria a favor da reunificação com Roménia em referendo. 2026. RTP. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/guerra-na-ucrania/presidente-da-Moldávia-votaria-a-favor-da-reunificacao-com-romenia-em-referendo_n1709722. Acesso em: 16 jul. 2026.
- [21] ANEWZ. Romania opens talks on possible unification with Moldávia. 2026. AnewZ. Disponível em: <https://anewz.tv/world/world-news/17198/romania-opens-talks-on-possible-unification-with-Moldávia/news>. Acesso em: 16 jul. 2026.
- [22] ANADOLU AGENCY. Ukraine's parliament dismisses top defense, security officials in latest government reshuffle. 2026. Anadolu Agency. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/en/europe/ukraine-s-parliament-dismisses-top-defense-security-officials-in-latest-government-reshuffle/3798532>. Acesso em: 16 jul. 2026.
- [23] O CAFEZINHO. Chanceler da Moldávia admite que maioria da população rejeita entrada na OTAN. 2026. O Cafezinho. Disponível em: <https://www.ocafezinho.com/2026/05/31/chanceler-da-moldavia-admite-que-maioria-da-populacao-rejeita-entrada-na-otan/>. Acesso em: 16 jul. 2026.
- [24] ANADOLU AGENCY. Putin signs decree easing Russian citizenship for residents of Moldávia's breakaway Transnistria region. 2026. Anadolu Agency. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/en/eurasia/putin-signs-decree-easing-russian-citizenship-for-residents-of-Moldávia-s-breakaway-transnistria-region/3939901>. Acesso em: 16 jul. 2026.
- [25] PHILSTAR. Philippines receives first Russian oil shipment in five years. 2026. Philstar.com. Disponível em: https://www.philstar.com/headlines/2026/03/25/2516707/philippines-receives-first-russian-oil-shipment-five-years#google_vignette. Acesso em: 16 jul. 2026.
- [26] RT BRASIL. Video: Putin recebe presidente da República do Congo. 2026. RT Brasil. Disponível

em: <https://rtbrasil.com/video/36076-video-putin-recebe-presidente-republica-congo/>. Acesso em: 16 jul. 2026.

[27] AFRICANEWS. Republic of Congo president holds talks with Russia's Vladimir Putin. 2026. Africanews. Disponível em: <https://www.africanews.com/2026/04/29/republic-of-congo-president-holds-talks-with-russias-vladimir-putin/>. Acesso em: 16 jul. 2026.

[28] THE MOSCOW TIMES. Moscow signs military partnership with the Taliban. 2026. The Moscow Times. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2026/05/28/moscow-signs-military-partnership-with-the-taliban-a92875>. Acesso em: 16 jul. 2026.

Como citar:

PAULA, Persio G. de; ARAÚJO, Maria Eduarda C.; CARDOSO, Ana Livia A.; CONCEIÇÃO, Guilherme G.; BARCELLOS, Tito Lívio. Síntese do Semestre. *Eurásia em Foco*, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 14-31, Mar./Mai. 2026. Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE).



3 ANÁLISES ESPECIAIS



A RÚSSIA E O PROJETO RASSVET

RELAÇÕES UZBEQUISTÃO-INDONÉSIA

PROJETO RASSVET: SOBERANIA DIGITAL E INFRAESTRUTURA ESPACIAL

Getúlio Alves de Almeida Neto

Introdução

No dia 23 de março deste ano, o Ministério de Defesa da Rússia conduziu o lançamento de um conjunto de 16 satélites de órbita baixa, como parte do projeto Rassvet (palavra russa para designar “o amanhecer”, “a aurora”). Desenvolvido pela empresa russa aeroespacial Escritório 1440, o Rassvet tem como objetivo estabelecer um sistema de satélites para comunicação e fornecimento de banda larga, assim como o sistema Starlink. Conforme o próprio site oficial da empresa, a missão é estabelecer uma constelação de satélites a uma distância de 800 quilômetros da órbita terrestre, cujas comunicações entre si serão feitas a partir de laser e com cobertura global, e promover informações à indústria, setor de transportes e ao setor público.

No entanto, mais do que apenas um projeto de expansão da infraestrutura aeroespacial russa, o Rassvet traz à tona o escopo muito maior dos objetivos traçados pelo governo russo na busca pela retomada de projetos aeroespaciais e suas relações com as implicações dos diversos usos civil e militar que esta rede de satélites pode oferecer a Moscou em um contexto de disputa geopolítica. Nesse sentido, a presente análise pretende discutir em que medida o Projeto Rassvet representa uma iniciativa de busca por soberania digital e em quais áreas este impacto pode ser mais sentido. Argumenta-se que o programa russo não deve ser entendido apenas sob a lógica comercial ou tecnológica, mas como uma tentativa de reduzir vulnerabilidades estratégicas expostas pelo uso da Starlink na guerra com a Ucrânia. Sobretudo, o Projeto Rassvet faz parte de um escopo maior cujo objetivo é aumentar a autonomia tecnológica russa e ampliar a sua capacidade de integração logística, militar e econômica, como em regiões como o Ártico.

Rassvet e o programa espacial russo

O projeto teve início ainda em 2020, quando a empresa privada Escritório 1440 foi fundada. A empresa tem como planejamento desenvolver uma rede de satélites de órbita baixa para promover o acesso à internet em banda larga em todo o território russo. Nesse sentido, a Escritório 1440 surgiu como forma de preencher um espaço anteriormente relegado apenas à Roscosmos, a corporação estatal responsável pela coordenação das atividades aeroespaciais da Federação Russa. Três anos após sua fundação, a empresa foi uma das que assinou um acordo de intenções com o governo russo, chamado de “Sistemas e Serviços Espaciais Avançados”. Assim, o orçamento federal russo alocou, desde 2024,

aproximadamente 1,3 bilhão de dólares -para a implementação do projeto a partir do Ministério das Comunicações. Até 2030, o Escritório 1440 planeja investir outros 4,3 bilhões de dólares com fundos próprios.

Os primeiros testes desse sistema começaram com o lançamento do Rassvet-1. Nesse primeiro momento, três satélites foram lançados a partir do Cosmódromo de Vostochny, no extremo leste russo, para realizar testes de comunicação e manobra orbital. No ano seguinte, o lançamento de mais três satélites configurou a segunda fase do projeto, Rassvet-2. Na ocasião, satélites mais avançados tecnologicamente, com comunicação via laser, foram lançados à órbita desde o Cosmódromo de Plesetsk, no Oblast de Murmansk, a cerca de 400 km ao sul do Círculo Polar Ártico, o mesmo utilizado como base de lançamento para o Rassvet-3. Segundo a empresa, estão previstos aproximadamente 300 satélites em órbita em 2030.

Rassvet, Ártico e Implicações Estratégicas

O lançamento dos satélites a partir do cosmódromo de Plesetsk e sua manutenção em órbitas polares trazem interessantes pontos de análise sobre a importância do Ártico para o projeto de comunicação aeroespacial russa. Inicialmente, o cosmódromo de Plesetsk foi construído em 1957 para servir de base de lançamento de mísseis balísticos intercontinentais, sendo o porto aeroespacial mais setentrional do planeta. Desde então, tem sido frequentemente utilizado para o lançamento de satélites militares, científicos e comerciais, principalmente após a dissolução da União Soviética, que fez com que a Federação Russa tivesse que pagar pela utilização do Cosmódromo de Baikonur, no Cazaquistão.

Nesse sentido, a importância do lançamento de satélites em órbitas polares reside, dentre outras razões, na sua capacidade aumentada em relação a outras localizações da órbita terrestre. Assim, cabe destacar aqui a possibilidade de monitoramento completo do globo, possibilitando comunicação e aplicação para uso militar em regiões de difícil alcance. Em particular para o caso do Ártico russo, o estabelecimento de uma rede de satélites em baixa órbita tem como principais aplicações o uso como apoio para a navegação polar, como ao longo da Rota do Mar do Norte, mapeamento para exploração de recursos naturais como petróleo e gás natural, cobertura e comunicação em áreas até então desprovidas de acesso à internet, e apoio e comunicação entre as bases militares.

Considerações finais

Ao processo de retomada de planejamento e investimentos em capacidade aeroespacial da Federação Russa ao longo das últimas décadas tem como principal objetivo a obtenção da soberania digital e ampliação da cobertura e velocidade de conexão em todo território nacional. Não obstante, mais do que uma mera tentativa de reprodução da infraestrutura criada pela Starlink, o projeto Rassvet tem como principal resultado a possibilidade de aplicação de uso civil e militar para todo o território russo, e em especial no Ártico. A condução do lançamento pelo Ministério de Defesa da Rússia, nesse caso, possui também importante simbologia

para o significado do lançamento dos satélites.

Nesse sentido, a experiência com o uso da Starlink na guerra da Ucrânia pode ser entendida não como o motivo para o investimento estatal russo em suas capacidades aeroespaciais, mas, sem dúvidas, como um catalisador desse movimento e um maior incentivo para maiores investimentos e aceleração do projeto. Assim, o estabelecimento de satélites em órbitas polares pode contribuir para o avanço russo em sua capacidade militar de comunicação de tropas, coordenação do campo de batalha, guerra eletrônica, utilização de drones, entre outros. Para além do uso militar, o Rassvet representa também a possibilidade de contínua melhora da infraestrutura de comunicação no Ártico russo, tida como fundamental para o desenvolvimento do país.

Desse modo, entende-se que a Federação Russa busca reduzir sua dependência do Ocidente ao fomentar sua autonomia tecnológica e fortalecer a sua soberania digital. Não obstante, os principais desafios para Moscou serão a manutenção da capacidade de financiamento necessário para a produção em larga escala de satélites, a continuidade de lançamentos constantes e o acesso a componentes, tais como semicondutores, em meio às sanções ocidentais.

REFERÊNCIAS

BELINELLO, Lucia. Meet Rassvet, Russia's Answer to Starlink. Wired. Disponível em: <https://www.wired.com/story/meet-rassvet-russias-answer-to-starlink/>.

Acesso em: 26 maio 2026.

FAULCONBRIDGE, Guy. Rússia lança satélites e acelera corrida para rivalizar com a Starlink. CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/russia-lanca-satelites-e-acelera-corrida-para-rivalizar-com-a-starlink/>.

Acesso em: 26 maio 2026.

GOVERNO DA RÚSSIA. Andrey Belousov: Foi assinado um acordo sobre o roteiro "Sistemas e Serviços Espaciais Avançados". Disponível em: <http://government.ru/news/47552/>. Acesso em: 26 maio 2026.

RUSSIA delays launch of first batch of Starlink rival satellites. The Moscow Times. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2026/01/23/russia-delays-launch-of-first-batch-of-starlink-rival-satellites-a91761>. Acesso em: 26 maio 2026.

Como citar:

ALMEIDA NETO, Getúlio Alves de. Projeto Rassvet: soberania digital e infraestrutura espacial. *Eurásia em Foco*, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 34-36, Mar./Mai. 2026. Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE).

RELAÇÕES ECONÔMICAS INTERASIÁTICAS EM TRANSFORMAÇÃO: O CASO UZBEQUISTÃO-INDONÉSIA

Jonathan Christian Dias dos Santos

Valter Peixoto Neto

Introdução

No dia 2 de março de 2026, o ministro do Comércio da Indonésia, Budi Santoso, e o ministro de Investimento, Indústria e Comércio do Uzbequistão, Laziz Kudratov, iniciaram negociações para um Acordo de Livre Comércio entre os dois países. O avanço das tratativas é significativo por representar um raro movimento de aproximação econômica bilateral entre países da Ásia Central e do Sudeste Asiático, evidenciando uma ampliação das conexões comerciais interasiáticas para além dos mecanismos multilaterais tradicionalmente existentes na região. O objetivo desta análise é observar os motivos, os ganhos e o cenário do acordo indo-uzbeque para além dos acordos já estabelecidos entre países do Sudeste Asiático, como Vietnã e a própria Indonésia, com blocos como a União Econômica Eurasiática, que conta com a participação de vizinhos uzbeques, como o Cazaquistão e o Quirguistão.

Cenário: o complemento geográfico

A Indonésia possui características geográficas que evidenciam sua relevância no cenário internacional contemporâneo. O país é considerado o maior Estado arquipelágico do mundo, além de concentrar a maior população muçulmana do planeta. Também se destaca como a terceira maior democracia do mundo e o quarto país mais populoso, com cerca de 276 milhões de habitantes. Projeções econômicas indicam ainda que, nas próximas décadas, a Indonésia poderá consolidar-se como a quarta maior economia mundial.

Entre os oceanos Índico e Pacífico, no coração do Estreito de Malaca, por onde transitam cerca de dois terços do comércio exterior chinês, a Indonésia ocupa uma posição geoestratégica central. O país está inserido em uma das principais rotas marítimas do comércio mundial, por onde circula parcela significativa dos fluxos globais de mercadorias, energia e capitais. Nesse contexto, inúmeros interesses geopolíticos atravessam seu território e suas águas, consolidando a Indonésia como um dos Estados mais importantes e estratégicos do Indo-Pacífico.

Além disso, os indonésios são os maiores produtores mundiais de níquel (recurso estratégico para as indústrias aeroespacial, eletrônica e automobilística, especialmente na produção de baterias) e o país pode se tornar o segundo maior produtor global de cobalto. A Indonésia também lidera a produção mundial de

atum, noz-moscada e cravo, além de figurar entre os maiores produtores de café, cacau e borracha.

O Uzbequistão, por sua vez, é o país mais populoso da Ásia Central, com cerca de 38 milhões de habitantes e possui como uma de suas principais características geográficas a ausência de acesso ao mar. Além disso, o país detém a quarta maior reserva de ouro do mundo, bem como uma expressiva produção de urânio, sendo o quinto maior produtor global, e de cobre. O território uzbeque também concentra grandes reservas de gás natural e o país tem como um de seus principais objetivos econômicos a ampliação da exploração de terras raras até 2030.

Os uzbeques têm utilizado sua localização estratégica, no centro do continente asiático, para se estabelecerem como um dos grandes eixos logísticos da região e para abrigar redes técnicas voltadas ao trânsito de bens e recursos. Justamente por isso, o Uzbequistão é considerado um parceiro estratégico da Indonésia na Ásia Central. Devido à sua posição geográfica, o território uzbeque pode servir como porta de entrada para produtos indonésios, permitindo o acesso a mercados de outros países da região e possibilitando que a Indonésia fortaleça sua posição comercial no continente asiático.

Motivos e cenários para a expansão das relações comerciais bilaterais

Existe um debate interno no cenário indonésio segundo o qual seria necessária uma expansão do campo diplomático para além dos vizinhos mais imediatos. O acadêmico Rizal Sukma, por exemplo, defendeu que uma política externa pós-Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) começaria ao deixar de enxergar o bloco do Sudeste Asiático “como a única pedra angular da política externa da Indonésia”. Ao analisar a adesão da Indonésia ao G20, o autor argumentou que o país deveria reconhecer a importância estratégica da ASEAN, mas também atribuir uma ênfase mais pronunciada à atuação em agrupamentos internacionais mais amplos (SIDIQ, 2022).

Sob o governo de Prabowo Subianto, Jacarta passou a defender de forma mais clara uma maior participação indonésia em debates e agrupamentos para além do Sudeste Asiático. Ainda assim, a política externa do país tem sido alvo de críticas. Entre os episódios mais controversos esteve a adesão da Indonésia ao Conselho de Paz proposto pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, movimento que ocorreu paralelamente à aproximação de Prabowo com a China.

Outro caso ocorreu durante a visita do presidente à Rússia, quando veículos da mídia indiana divulgaram que o ministro da Defesa indonésio assinaria, em Washington, um acordo que permitiria aos EUA maior acesso ao espaço aéreo indonésio. A informação provocou forte reação e acabou sendo posteriormente desmentida.

Já o Uzbequistão, sob a liderança de Shavkat Mirziyoyev desde 2017, tem focado na expansão de sua economia por meio da estratégia “Uzbekistan 2030”, cujo principal objetivo é atrair Investimento Estrangeiro Direto (IED), permitindo que o país alcance o status de economia de renda média-alta e dobre seu Produto Interno Bruto (PIB) até o final desta década.

Dessa maneira, o governo Mirziyoyev tem trabalhado ativamente em um programa de desestatização de ativos, remoção de barreiras tarifárias e não tarifárias, busca de integração à Organização Mundial do Comércio (OMC) e liberalização de preços em setores como energia e telecomunicações.

Conclusão: os ganhos econômicos

De 2021 a 2025, a relação comercial entre o Uzbequistão e a Indonésia totalizou US\$ 181,4 milhões, o que representou um crescimento de 48% no período. De acordo com dados de 2024 disponibilizados pelo The Observatory of Economic Complexity (OEC), as exportações indonésias para o Uzbequistão foram compostas majoritariamente por produtos agrícolas e alguns manufaturados, enquanto as importações indonésias oriundas do país centro-asiático concentraram-se em produtos do setor agrícola e matérias-primas.

Durante tratativas iniciadas em março e já mencionadas anteriormente, o ministro do Comércio da Indonésia, Budi Santoso, afirmou que esperava que um acordo de livre comércio entre o Uzbequistão e a Indonésia impulse as cadeias de valor, refinando os processos de manufatura e suprimento, de modo a criar oportunidades tangíveis para o mercado e abranger desde pequenos empreendedores até médias empresas.

Tashkent poderia obter ganhos, por exemplo, a partir da captação de recursos por meio de fundos soberanos indonésios, como o Hajj Fund, visando à modernização de suas infraestruturas, o que também poderia ser útil para Jacarta no escoamento ou na recepção de bens importantes para diversos aspectos da vida econômica e social, como os supracitados produtos agrícolas, principalmente insumos uzbeques, que podem ser utilizados para estabilizar a cadeia alimentar indonésia.

Além disso, a Indonésia, com uma população em quase 300 milhões de pessoas, ou seja, com um grande mercado consumidor, é também a maior economia da ASEAN, com um Produto Interno Bruto (PIB) aproximado de US\$ 1,54 trilhão em 2025, segundo dados do Fundo Monetário Internacional (FMI). Para o Uzbequistão, ter acesso a um mercado consumidor amplo e com significativa força econômica representa uma oportunidade interessante de diversificação de seus parceiros comerciais, indo além da China, Rússia e Turquia.

Portanto, podemos considerar que a possível consolidação desse acordo de livre comércio transcende a simples expansão das trocas bilaterais, significando também um movimento estratégico na construção de cadeias de valor resilientes entre países emergentes. Ao conectar a maior economia do Sudeste Asiático ao coração da Ásia Central, Indonésia e Uzbequistão promovem uma diversificação vital de suas rotas logísticas, portfólio de produtos e parcerias financeiras. Em um cenário global cada vez mais suscetível a choques em zonas de instabilidade geopolítica, essa aliança atua como um mecanismo para mitigar riscos externos, reduzindo a dependência de potências tradicionais e estabelecendo um corredor econômico alternativo e robusto para o Sul Global.

REFERÊNCIAS

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (FMI). Indonesia: country profile. 2025. Disponível em: <https://www.imf.org/external/datamapper/profile/IDN>. Acesso em: 25 maio 2026.

SIDIQ, Mabda Haerunnisa Fajrilla. Cornerstone No More? The Changing Role of ASEAN in Indonesian Foreign Policy. *The Diplomat*, 5 out. 2022. Disponível em: <https://thediplomat.com/2022/10/cornerstone-no-more-the-changing-role-of-asean-in-indonesian-foreign-policy/>. Acesso em: 25 maio 2026.

THE OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY (OEC). Uzbekistan and Indonesia (bilateral trade profile). 2024. Disponível em: <https://oec.world/en/profile/bilateral-country/uzb/partner/idn>. Acesso em: 25 maio 2026.

TV BRICS. Indonesia and Uzbekistan begin negotiations on free trade agreement. 2026. Disponível em: <https://tvbrics.com/en/news/indonesia-and-uzbekistan-begin-negotiations-on-free-trade-agreement/>. Acesso em: 25 maio 2026.

UZSTAT. Statistics (stat.uz). 2026. Disponível em: <https://stat.uz/en/>. Acesso em: 25 maio 2026.

Como citar:

SANTOS, J.C.D dos; PEIXOTO, Valter Neto. Relações econômicas interasiáticas em transformação: o caso Uzbequistão-Indonésia. *Eurásia em Foco*, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 37-40, Mar./Mai. 2026. Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE).

4 ARTIGOS



ESPECIAL MONGÓLIA

A RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E PODER NO IMPÉRIO MONGOL E O RESGATE HISTÓRICO DE QUTULUN

Taynara Martins Batista¹

Resumo: Qutulun foi uma princesa mongol que viveu entre os séculos XIII e XIV na região da Ásia Central, correspondente atualmente, em parte, ao território do Cazaquistão. Sua trajetória permite analisar as possibilidades e limitações vivenciadas pelas mulheres na sociedade mongol, especialmente nos âmbitos político e militar. Nesse sentido, o presente artigo busca contextualizar o percurso histórico de Qutulun, examinando sua atuação política, militar e simbólica, bem como discutir o papel desempenhado pelas mulheres no contexto mongol. Assim, questiona-se quais eram as possibilidades e os limites da atuação feminina na sociedade mongol entre os séculos XIII e XIV, especialmente nos âmbitos político e militar, a partir do caso de Qutulun. Além disso, analisa-se a forma como sua memória foi preservada e reinterpretada ao longo do tempo, tanto nas crônicas históricas quanto na cultura popular contemporânea. Para tanto, emprega-se uma abordagem qualitativa baseada em fontes secundárias, especialmente estudos acadêmicos e análises fundamentadas em crônicas que narram a trajetória da princesa sob diferentes perspectivas, se caracterizando como uma pesquisa de caráter exploratório.

Palavras-chave: Qutulun; Khutulun; Sociedade Mongol; Mulheres na História.

Introdução

Os mongóis destacaram-se ao longo da história por suas conquistas militares e pelo modo de vida nômade que estruturava sua organização político-social. Entretanto, embora a cultura mongol continue presente no imaginário popular contemporâneo diversas figuras históricas vinculadas a esse contexto foram gradualmente marginalizadas ou pouco exploradas pela historiografia, especialmente no que se refere às mulheres. Entre elas, destaca-se Qutulun, princesa cuja trajetória atravessou quase silenciosamente os séculos, apesar dos registros históricos, crônicas e representações lendárias.

Mais do que analisar a figura de Qutulun em si, o percurso trilhado por ela permite refletir sobre uma questão central: quais eram as possibilidades e os limites da atuação feminina na sociedade mongol entre os séculos XIII e XIV, especialmente

1 Doutoranda em Relações Internacionais pelo PPGRJ San Tiago Dantas (Unesp/Unicamp/PUC-SP). Mestre em Relações Internacionais pelo PPGRJ San Tiago Dantas (Unesp/Unicamp/PUC-SP) e também mestre em Estudos Marítimos pelo PPGEM da Escola de Guerra Naval. Possui graduação em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp). Participa do Grupo de Estudo em Política e Direito Ambiental Internacional (GEPDAI) e do Laboratório de Práticas Simuladas.

nos âmbitos político e militar? A partir dessa problemática, o presente artigo busca contextualizar a trajetória histórica de Qutulun, examinando sua atuação política, militar e simbólica, bem como discutir o papel desempenhado pelas mulheres no contexto mongol. Além disso, pretende-se compreender de que maneira sua memória foi preservada e reinterpretada ao longo do tempo, na cultura popular contemporânea, a despeito do relativo pouco conhecimento popular geral sobre Qutulun no Ocidente.

Diferentes mulheres exerceram funções importantes como conselheiras ou cargos de regência, ou se destacaram por sua atuação, como Hö'elün, Börte e Sorgantani Beki (De Nicola, 2008). O caso de Qutulun se distingue devido ao seu destacado papel militar. Assim, a pesquisa se insere no escopo de uma literatura incipiente (Biran, 2020; Lutz, 2023; Weatherford, 2010; De Nicola, 2008) sobre o papel das mulheres na sociedade mongól medieval, focando em uma de suas muitas figuras femininas notáveis.

O estudo parte de uma abordagem qualitativa baseada em fontes secundárias, especialmente trabalhos acadêmicos e análises historiográficas fundamentadas em crônicas que narram a vida de Qutulun sob diferentes perspectivas. Tal escolha metodológica decorre, sobretudo, da dificuldade de acesso direto às fontes originais, como os registros de Rashīd al-Dīn e outros cronistas do período. O artigo tem dois objetivos principais: compreender as limitações e as possibilidades vivenciadas pelas mulheres dentro da sociedade mongol medieval e examinar a história de Qutulun, como um caso ilustrativo desse contexto. Dessa forma, destaca-se que a pesquisa concentrou-se nos elementos disponíveis sobre a vida de Qutulun, mas também dedicando uma seção aos elementos culturais, como óperas e livros possivelmente influenciados por sua história. Logo, para atingir esses objetivos, o artigo está dividido em quatro partes principais. Inicialmente, apresenta-se uma discussão acerca do papel das mulheres na sociedade mongol. Em seguida, analisa-se a trajetória histórica de Qutulun. Posteriormente, discutem-se os limites das fontes disponíveis e os desafios relacionados à reconstrução de sua história. De forma subsequente, examina-se a permanência de sua figura na cultura popular. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

Reflexões sobre o Papel das Mulheres na Sociedade Mongol

No contexto do Império Mongol, as mulheres desempenhavam funções centrais tanto na organização política quanto na estrutura econômica da sociedade. Diferentemente de muitas de suas contrapartes em sociedades sedentárias vizinhas, as mulheres mongóis montavam cavalos, caçavam e, em determinadas circunstâncias, podiam inclusive participar de combates (Biran, 2020, p. 64). Além disso, eram também responsáveis pela administração das pastagens e dos rebanhos, bem como pela educação das crianças (incluindo aspectos relacionados à formação militar), sobretudo durante os períodos em que os homens se ausentavam em campanhas de guerra ou expedições de caça.

A participação feminina ainda se fazia presente na esfera política, embora, em grande medida, estivesse associada à influência exercida por vínculos familiares

masculinos, como pais, irmãos e maridos. Apesar de raramente ocuparem posições diretamente ligadas à atividade marcial, algumas destacaram-se nesse campo, como foi o caso de Qutulun. No âmbito da dinastia *genghisida*², era relativamente comum que mulheres possuíssem seus próprios rebanhos, soldados e acampamentos (os chamados ordos). Contudo, a acumulação dessas propriedades geralmente ocorria após o casamento, por meio do recebimento de dotes, compensações matrimoniais ou atribuições concedidas por parentes homens³. Em outras palavras, ainda que a nomeação de figuras femininas para cargos de governo pudesse ocorrer em razão de suas próprias capacidades, essas posições frequentemente derivavam da condição política de seus maridos, vivos ou falecidos (Biran, 2020, p. 65-70).

Bruno de Nicola (2008) destaca a atuação social distinta das mulheres mongóis em relação às suas contrapartes chinesas e europeias no período medieval entre os séculos XII e XIII. Segundo o autor, as mulheres possuíam participação ativa nos âmbitos doméstico, religioso, econômico e político, além de relatar a atuação de Tümelün, quarta filha de Genghis Khan, na conquista de Nishapur, no atual Irã.

Na esfera doméstica, as mulheres eram responsáveis pelas tarefas domésticas e confecção de peças de vestuários, como casacos de pele, sandálias, polainas e vestidos, além da condução e reparo das carroças. Em uma sociedade nômade em que a mobilidade é fundamental, entregar às mulheres a condição dos meios de transporte seria um indício de sua relevância (De Nicola, 2008, p. 41). Contudo, de acordo com De Nicola (2008, p. 41), aspectos do âmbito doméstico também ressaltavam a estrutura social patriarcal, como a divisão da ordenha, em que as mulheres cuidavam das vacas, enquanto os homens ordenhavam as éguas⁴, além de possuírem mais tempo hábil para se dedicar a montaria, a arqueria, e a falcoaria.

Em termos matrimoniais, havia duas formas de se casar: o casamento arranjado entre os pais e o rapto. Além disso, a poligamia era uma prática recorrente, todavia frequentemente restrita às elites que possuíam meios econômicos de sustentar múltiplas esposas. A mobilidade entre clãs era desencorajada. Entretanto, as mulheres nobres viúvas pareciam ter certa autonomia para negar propostas de casamento. A título de exemplo, Sorgantani Beki, após se tornar viúva do filho caçula de Genghis Khan, Tolui, pode recusar uma oferta de casamento feita por Ögödei⁵, o qual desejava casá-la com seu filho Güyük, sem colocar sua posição favorável frente ao khan⁶ em risco (De Nicola, 2008).

2 Nome dado a linhagem de governantes descendentes de Genghis Khan (Nota da autora).

3 Nesse cenário, diversas mulheres genghisidas exerceram autoridade política relevante dentro do Império, entre elas Töregene (esposa de Ögödei), Naishi Khatun e Orghina (Biran, 2020).

4 Devido a sua importância, ficava relegado ao homem a tarefa de ordenhar as éguas, cujo leite era usado para a fabricação das bebidas fermentadas consumidas pelos mongóis (De Nicola, 2008, p. 41-42). Neste contexto, vale destacar que os equinos, cavalos e éguas, eram elementos importantes do ideário mongol, pois além de serem empregados em atividades cotidianas eram utilizados como montaria de guerra, se tornando um elemento marcante da cultura mongol.

5 Também grafado Ogedai, terceiro filho de Genghis Khan, nomeado pelo seu pai como seu sucessor, sobre o título de khagan, o khan dos khans (Barbosa, 2006).

6 Khan é o título dado aos governantes mongóis. A título de exemplo, Genghis Khan, cujo o nome era Temudjin, pode significar tanto um poder comparável à imensidão do oceano quanto a supremacia sobre os demais líderes, e khagan pode ser interpretado como khan dos khans (Barbosa, 2006). Um khan normalmente governava sob um khanato ou uluses. Os uluses seriam parecidos com reinos. A população que residia nos uluses devia lealdade ao khan (governan-

No âmbito espiritual, o mito de criação mongol destaca que a linhagem de Genghis Khan descende de uma mulher, a qual após se relacionar com um espírito que montava um raio deu à luz a três filhos. Em termos religiosos, o xamanismo altaico⁷ permitia a atuação feminina em rituais, não sendo incomum que mulheres desempenhassem o papel de líderes religiosas. No entanto, é possível destacar a adesão feminina a diferentes religiões, para além das práticas xamânicas, como o cristianismo nestoriano (De Nicola, 2008).

No que se refere ao plano econômico, durante o governo de Genghis Khan e seus sucessores imediatos, não era incomum que as mulheres possuísem propriedades e bens próprios, tornando a liberdade de ação econômica das mulheres mongóis mais ampla se comparada a outras sociedades medievais (De Nicola, 2008, p. 47).

Já na esfera política, detinham assentos na corte e em conselhos decisórios, como foi o caso da corte de Güyük, além de terem sido descritas como sábias conselheiras, como Hö'elün e Börte (De Nicola, 2008, p. 48). Ainda, conforme mencionado anteriormente, eram versadas nas artes da arqueria e montaria, sendo responsáveis inclusive pelo ensino dessas práticas (De Nicola, 2008, Biran, 2020).

De acordo com De Nicola (2008), é uma tarefa árdua estabelecer no século XXI as motivações que embasaram essa estrutura social, embora seja possível deduzir que as condições de vida nas estepes tornaram todos os membros da sociedade vitais para a sobrevivência. Ainda segundo o autor, soma-se a esse fator o lugar elevado que a ideia do feminino ocupava no ideário mitológico mongol.

Todavia, a trajetória de Qutulun, evidencia simultaneamente as possibilidades e os limites impostos às carreiras militares femininas na sociedade mongol. Registrada por Marco Polo e por diversos cronistas persas da época, sendo a obra de Rashīd al-Dīn um das mais destacadas, sua história tornou-se um exemplo expressivo da agência feminina naquele contexto, especialmente por demonstrar como determinadas mulheres conseguiam transitar por espaços tradicionalmente associados ao imaginário masculino (Biran, 2020, p. 64).

A História de Qutulun e seu Legado

De acordo com Michal Biran (2020, p. 64-66), Qutulun era filha de Qaidu, também grafado como Caidu ou Kaidu, um importante líder que, estima-se, atuou entre 1271 e 1301 em oposição à Kublai Khan⁸, também grafado Qubilai, fundador da dinastia Yuan na China, e cujo governo se estendeu entre cerca de 1260 e 1294. Neto de Ögödei, filho e sucessor direto de Genghis Khan, Qaidu foi responsável pela consolidação de um Estado mongol independente na Ásia Central. Após um

te), este, por sua vez, controla as pastagens, chamadas *yurts*, e as receitas (*taghār*). Genghis Khan estabeleceu o *Yeke Mongqol Ulus*, o Grande Ulus Mongol, o qual era controlado pelo Grande Khan (*qa'an*), este deveria distribuir parcelas (*qubi*) de população, pastagens e receitas aos seus parentes na forma de apanágios (*appanages*) (Hope, 2025, p. 50).

⁷ As cadeias de montanhas Altai e o Saian formam um maciço montanhoso situado entre a estepe cazaque a oeste e o rio Angara a leste (Stépanoff, 2009, p. 25). As montanhas Altai se localizam na atual fronteira entre Cazaquistão, China, Mongólia e Cazaquistão.

⁸ Neto de Genghis Khan, filho de Tolui, e irmão de Möngke. Sucedeu seu irmão como khan e se instalou de forma definitiva na China, transferindo a sede do governo para Pequim e fundando a dinastia Yuan (Barbosa, 2006).

golpe em 1251, que levou Möngke⁹ ao poder e desencadeou perseguições contra os Ögödeidas¹⁰, o governante, agora destronado, conseguiu sobreviver politicamente. Posteriormente, aproveitou a disputa sucessória entre Kublai e Arigh Böke¹¹ para restaurar a influência de sua linhagem.

Dotado de habilidade militar e liderança carismática, Qaidu reuniu tropas e, explorando os conflitos internos do Império, construiu gradualmente um domínio na Ásia Central, sobretudo às custas dos Chaghadaidas¹². Em 1271, após a morte de Baraq¹³, proclamou-se khan dos Ögödeidas e consolidou sua posição ao nomear Du'a (Duwa), filho de Baraq, como khan chaghadaida, estabelecendo uma aliança que perduraria por cerca de duas décadas. Juntos, governaram uma vasta região que se estendia do rio Oxus (hoje conhecido como Amu Darya), no atual Uzbequistão, até as áreas do Altai e de Xinjiang, atualmente divididas entre Rússia, Mongólia, Cazaquistão e China, respectivamente. Tal domínio também correspondia, em grande medida, aos territórios originalmente atribuídos por Genghis Khan (Biran, 2020, p. 64-66).

Foi nesse quadro de disputas internas e expansão territorial, que Qaidu desafiou a autoridade dos Toluidas¹⁴ estabelecidos na China e no Irã, promovendo incursões em regiões correspondentes ao atual Afeganistão e à Índia. Em termos de estratégia e tática militares, suas incursões privilegiavam ataques fronteiriços rápidos, explorando a mobilidade da cavalaria nômade e evitando confrontos diretos que favorecessem os exércitos numericamente superiores da dinastia Yuan e do Ilcanato. Ainda nesse contexto, Qutulun acompanhou o pai em campanhas, adquirindo experiência política e aperfeiçoando suas habilidades de combate (Biran, 2020, p. 64-66).

Nascida por volta de 1260, na região correspondente ao atual Cazaquistão, Qutulun (também conhecida como Khutulun) destacou-se como uma das figuras femininas mais marcantes do Império Mongol. Bisneta direta de Genghis Khan, tornou-se célebre por sua força física e habilidade em competições corporais,

9 Möngke, também grafado Mongka, foi o filho de Tolui, filho caçula de Genghis Khan que herdou as terras ancestrais do clã de seu pai (Barbosa, 2006), além disso foi irmão de Kublai Khan. Ascendeu ao poder em 1251, após um golpe, perseguindo seus rivais e os levando à beira do desaparecimento, como as linhagens Ögödeida e Chaghadaida (Hope, 2025, p. 50).

10 Descendentes de Ögödei (Barbosa, 2006).

11 Ariq Böke foi o filho caçula de Tolui, após a morte de seu irmão Möngke, disputou a sucessão com seu outro irmão, Kublai, que saiu vitorioso do confronto (Hope, 2025, p. 51-55).

12 Descendentes do segundo filho de Genghis Khan, Chagatai, o qual recebeu de herança as terras conquistadas pelos mongóis na atual região da Ásia Central, abrangendo a área entre o Aral e o Tibete (Barbosa, 2006).

13 Bisneto de Chagatai, segundo filho de Genghis Khan, que emergiu como o khan chaghadaida (Biran, 1997, p. 24; Barbosa, 2006). Confrontou Qaidu, contudo, as possíveis motivações para suas ações divergem, podendo incluir tanto ordens de Kublai/Qubilai quanto ao fato deste ter atribuído a Alghu e à casa chaghadaida os territórios governados por Qaidu e/ou o temor deste avançar sobre as posições de Baraq em Samarkand e/ou Bukhara (a área entre as duas cidades é nomeada Transoxiana) (Biran, 1997, p. 24-25). Após a derrota de Baraq contra Qaidu é realizado uma quriltai (assembleia dos nobres), entre Baraq, Qaidu e os membros da Horda Dourada (descendentes de Jochi, primeiro filho de Genghis Khan, que governavam sob as terras mais ocidentais do continente asiático), a qual determinou a distribuição dos territórios (sem a anuência de Kublai). Contudo, a desconfiança ainda imperava entre Baraq e Qaidu. O primeiro é derrotado em Herat, no atual Afeganistão, e após sua morte, Qaidu consegue assumir o título de khan, governando territórios na Ásia Central (Biran, 1997, p. 25-32).

14 Descendentes de Tolui, filho caçula de Genghis Khan (Nota da autora).

especialmente nas lutas do estilo *wrestling*¹⁵ (Lutz, 2023; Ventura, 2023). Logo, a trajetória da princesa passou a articular pertencimento aristocrático, talento militar e notoriedade pública, transformando-a em um símbolo de poder nas estepes euroasiáticas (Lutz, 2023). Também cabe ressaltar que sua vida transcorreu durante o auge da expansão mongol, período em que o Império se estendia das proximidades da Hungria até o Mar da China Oriental (Ventura, 2023). Aliás, as fontes históricas também registram diferentes nomes atribuídos a Qutulun, como Aigiarne (denominação utilizada por Marco Polo), além de Aiyurug ou Aijaruc (Weatherford, 2010; Ventura, 2023).

Um ponto importante é que a imagem de independência de Qutulun manifestava-se igualmente em sua postura diante do casamento. Segundo narrativas preservadas, ela afirmava que somente se casaria com um homem capaz de derrotá-la em uma luta livre. A exigência reforçava sua figura excepcional, rompendo com expectativas tradicionalmente atribuídas às mulheres de seu período (Lutz, 2023). Entretanto, derrotá-la não era tarefa simples. Assim como muitos homens e mulheres mongóis, Qutulun dominava a equitação e o arco com grande habilidade, além de ser uma praticante exímia do bökh, a luta tradicional mongol (Ventura, 2023). De acordo com historiadores, cada pretendente derrotado deveria entregar-lhe ao menos cem cavalos, riqueza que teria permitido à princesa acumular cerca de dez mil animais (Lutz, 2023; Ventura, 2023; Biran, 2020, p. 67).

Marco Polo relata um episódio emblemático envolvendo um príncipe de um reino abastado que, atraído pela fama de Qutulun, apostou mil cavalos caso fosse derrotado na disputa (Lutz, 2023; Ventura, 2023; Biran, 2020, p. 67-68; Weatherford, 2010). Conforme registros, Qaidu e a rainha teriam pedido à filha que permitisse a vitória do pretendente, considerando as vantagens políticas que poderiam decorrer da união. Ainda assim, Qutulun venceu o combate, obrigando o príncipe a retornar ao seu reino humilhado, embora deixando os animais prometidos (Lutz, 2023; Ventura, 2023; Biran, 2020, p. 67-68; Weatherford, 2010).

A proximidade entre Qutulun e Qaidu também alimentou rumores maliciosos sobre um suposto relacionamento incestuoso (Lutz, 2023; Ventura, 2023; Biran, 2020, p. 69; Weatherford, 2010). Em resposta a essas especulações, a princesa teria escolhido como marido um nobre mongol ligado ao círculo de confiança de seu pai, com quem teve dois filhos (Weatherford, 2010; Lutz, 2023). Rashīd al-Dīn, contudo, apresenta outra versão, afirmando que Qutulun desejava casar-se com Ghazan, futuro Ilkhan¹⁶, enviando-lhe presentes e emissários para demonstrar interesse. Apesar da proximidade geográfica entre os territórios governados por ambos, não existem registros do contato em outras crônicas, o que leva Biran (2020, p. 67) a sugerir que a narrativa buscava, sobretudo, engrandecer a figura de Ghazan. Ainda seguindo versões alternativas, atribuídas a al-Dīn, o

15 Wrestling é um esporte de combate praticado em vários estilos, no qual dois competidores tentam derrubar o outro ou fazê-lo tocar o chão com alguma parte do corpo além dos pés, também chamado de bökh. Em algumas versões, o objetivo é colocar o adversário de costas ou mantê-lo preso nessa posição por um certo tempo (Britannica Editors, 2025).

16 Ilkhan significa "khan subordinado", em persa, e se referia aos governantes da dinastia Ilcanida, de origem mongol, que governou a atual região do Irã entre 1256-1335 (Britannica Editors, 2026). Governavam o Ilcanato.

marido de Qutulun teria sido Abtaqul, membro do clã Qorulas¹⁷ (Lutz, 2023). Biran (2020, p. 69), por sua vez, sustenta que ele era cozinheiro da corte de Qaidu, ocupação considerada respeitável na sociedade mongol.

Para além das competições de wrestling, a princesa destacou-se como guerreira e conselheira militar. As crônicas descrevem sua atuação em batalha, infiltrando-se em linhas inimigas e capturando prisioneiros para o exército de seu pai (Lutz, 2023; Ventura, 2023; Biran, 2020, p. 66-67; Weatherford, 2010). Em razão dessas capacidades, Qaidu teria inclusive tentado indicá-la como sucessora, recorrendo frequentemente aos seus conselhos estratégicos. Porém, a proposta não prosperou (Lutz, 2023; Ventura, 2023; Biran, 2020, p. 67-68; Weatherford, 2010) e, após a morte do governante, em aproximadamente 1301, decorrente de ferimentos sofridos em combate, Qutulun apoiou a sucessão de seu irmão Orus em oposição ao meio-irmão Chapar, reivindicando para si participação ativa na política dinástica.

Entretanto, Chapar (primogênito, embora filho de uma concubina) rejeitou sua influência e assumiu o título de khan (Lutz, 2023). Segundo Al-Qāshānī e Rashīd al-Dīn, Qutulun teria então se tornado guardião do túmulo de Qaidu (Lutz, 2023; Ventura, 2023). As circunstâncias da morte da princesa permanecem controversas. Conforme Dalia Ventura (2023), Qutulun morreu em 1306, por causas desconhecidas. Já R. C. Lutz (2023) afirma que, após Chapar romper sua aliança com Du'a em 1305, conflitos internos levaram à derrota de Chapar e à execução de diversos membros de sua família, onde a princesa teria sido assassinada por seguidores de Du'a entre o final de 1306 e o início de 1307 (Ventura, 2023).

Outra interpretação apresentada por Biran (2020, p. 69-70) sustenta que a morte de Qaidu abriu caminho para a eliminação da influência Ögödeida na Ásia Central. Du'a teria então fortalecido suas relações com Temür Öljeitü, sucessor de Kublai na China Yuan, favorecendo a estabilização política da região. Esse encerramento dos conflitos produziu impactos econômicos significativos, uma vez que a pacificação da Ásia Central possibilitou a reativação da Rota da Seda terrestre, anteriormente prejudicada pelas guerras que haviam deslocado o comércio para as rotas marítimas após a conquista Yuan do sul da China em 1279. A nova conjuntura também permitia aos Chaghadaidas concentrar esforços militares na expansão em direção ao Sultanato de Délhi. Ainda assim, a estabilidade exigia o reconhecimento da supremacia Yuan sobre os demais domínios mongóis, o que implicava o enfraquecimento definitivo das pretensões Ögödeidas (Biran, 2020, p. 69-70).

Logo, nessa versão da história, Chapar convocou seus irmãos, incluindo Qutulun, para apoiá-lo no conflito contra Du'a. Com a derrota dos Ögödeidas, parte da família refugiou-se em reinos vizinhos, enquanto outros membros foram executados. Chapar acabou recebendo um apanágio no norte da China após submeter-se aos Yuan, ao passo que Qutulun possivelmente foi perseguida e assassinada. Segundo Biran (2020, p. 71), seu marido e filhos provavelmente foram

17 Embora Abtaqul, do clã Qorulas, apareça no texto de Lutz (2023) e em Biran (2020) como um dos nomes possíveis para o marido de Qutulun, não há informações detalhadas sobre ele ou seu clã.

afogados em um rio, podendo ela ter sido morta juntamente com eles ou falecido pouco tempo depois.

Por fim, conforme argumenta Biran (2020), independente da morte, a trajetória de Qutulun constitui um instrumento analítico paradigmático para compreender o papel das mulheres na guerra e na política mongol. Tanto Marco Polo quanto cronistas persas, como al-Dīn e Al-Qāshānī, enfatizaram sua liderança e participação nos combates como elementos extraordinários. Sua história evidencia, simultaneamente, o potencial de atuação das mulheres e os limites impostos à sua ascensão. A resistência em relação ao casamento alimentou rumores que contribuíram para pressioná-la socialmente, enquanto sua tentativa de interferir na sucessão após a morte do pai resultou em marginalização política em razão de sua condição feminina. Além disso, sua liderança foi percebida como ameaça por rivais dinásticos, fator que provavelmente contribuiu para sua eliminação (Biran, 2020, p. 75).

Os Limites das Fontes sobre Qutulun

A representação construída em torno de Qutulun, embora marcada por elementos lendários acumulados ao longo do tempo, encontra respaldo em fontes históricas relevantes. Entre elas, destacam-se os relatos de Rashīd al-Dīn, responsável por dedicar à princesa um espaço significativo em seu *Jami al-Tawarīj*, obra do século XIV, considerada uma das referências mais abrangentes sobre o Império Mongol. Graças a esses registros, parte da trajetória da princesa pôde ser preservada com relativa consistência histórica.

Entretanto, muitos episódios de sua vida aparecem descritos de maneiras distintas nas diferentes versões das crônicas, dificultando a construção de um retrato inteiramente preciso da personagem. As divergências entre os relatos evidenciam que a reconstrução de sua trajetória demanda um exercício de interpretação crítica das fontes, aproximando-se mais de uma análise historiográfica do que de uma narrativa factual definitiva (Ventura, 2023). Além de Rashīd al-Dīn, Qutulun também aparece nas crônicas de Marco Polo (Ventura, 2023; Lutz, 2023). Embora o viajante veneziano tenha sido alvo de críticas de seus contemporâneos, que consideravam muitos de seus relatos exagerados ou fantasiosos, possivelmente em razão da visão relativamente positiva que apresentava da cultura mongol, suas descrições ainda constituem parte importante para compreender as representações construídas sobre a princesa (Ventura, 2023).

Logo, observa-se que, embora as diferentes narrativas compartilhem certos elementos recorrentes (como suas habilidades militares e sua notoriedade no Wrestling, por exemplo), as fontes disponíveis para o estudo de Qutulun permanecem limitadas e fortemente dependentes de relatos cronísticos. Além disso, a produção acadêmica e jornalística contemporânea sobre a personagem, especialmente em idiomas ocidentais como inglês, espanhol e português, ainda é relativamente reduzida, restringindo as possibilidades de investigações mais aprofundadas. Mesmo quando enfatizam sua atuação militar, os estudos frequentemente o fazem de maneira superficial, limitando-se a mencionar seu

apoio a Qaidu em batalhas, sem detalhar efetivamente sua participação nos conflitos. Ainda assim, a figura da princesa mongol permaneceu viva no imaginário cultural ao longo dos séculos, inspirando diferentes representações na cultura popular até o século XXI, conforme abordado a seguir.

O “Resgate” de Qutulun no Imaginário Cultural

A trajetória de Qutulun ultrapassou os limites da historiografia e passou a ocupar espaço também no imaginário cultural e na cultura popular, inclusive contemporânea. Uma das hipóteses mais conhecidas sugere que sua história possa ter servido de inspiração para a ópera *Turandot*, de Giacomo Puccini, centrada na figura de uma princesa que apenas aceita casar-se com homens capazes de superar os desafios impostos por ela (Ventura, 2023). Embora essa associação tenha ganhado força recentemente, existem diferentes interpretações acerca das possíveis influências utilizadas por Puccini na composição da obra.

Entre as principais teorias destacam-se as referências às obras de François Pétis de la Croix (1653–1713) e de Nizāmī (1197). No início do século XVIII, Pétis publicou *Mille et un jours: Contes persans* (Os Mil e Um Dias: Contos Persas), obra inspirada em *As Mil e Uma Noites*. O autor alegava tratar-se da tradução de um manuscrito recebido de um dervixe em Isfahan, em 1675; contudo, a inexistência do documento original levou pesquisadores a considerarem que parte significativa da narrativa foi elaborada pelo próprio escritor. Estruturada como uma série de histórias narradas a uma princesa da Caxemira que se recusava a casar, a obra inclui o conto de *Turandot*, filha de Altoun Khan da China.

Aliás, o nome “*Turandot*” deriva da expressão persa *Tūrān-i dukht*, que significa “filha de Turan”, remetendo simbolicamente à Ásia Central. Assim como Qutulun, a personagem somente aceitaria se casar com homens capazes de vencê-la em um desafio. Entretanto, diferentemente da princesa mongol, cuja disputa envolvia combate físico, *Turandot* submetia seus pretendentes à resolução de enigmas, condenando à morte aqueles que fracassassem. O herói da narrativa, Calaf, consegue superar as provas e conquistar a nobre. Antes da associação com Qutulun ganhar notoriedade, acreditava-se que a principal inspiração da personagem fosse uma princesa eslava presente no épico persa *Haft Paykār*, de Nizāmī, igualmente descrita como bela e desafiadora. Posteriormente, Jack Weatherford, em *The Secret History of the Mongol Queens* (2010), sugeriu que Qutulun poderia ter influenciado a construção da personagem. Ainda assim, *Turandot* parece aproximar-se mais da tradição literária persa do que propriamente da figura histórica mongol (Biran, 2020, p. 72-73).

Independentemente da origem exata da inspiração, é importante observar que, na adaptação operística de Puccini, a possível referência histórica transformou-se em uma princesa relativamente passiva, confinada ao espaço palaciano e associada sobretudo ao romance. Essa representação distancia-se consideravelmente da imagem de Qutulun preservada na tradição mongol, na qual ela aparece como figura militar ativa, cavaleira e combatente. Tal transformação também evidencia como personagens históricas femininas frequentemente

são reinterpretadas pela cultura ocidental a partir de arquétipos associados à feminilidade, ao amor romântico e à domesticidade, reduzindo aspectos ligados ao seu poder político. Mesmo no século XXI, Qutulun continua presente na cultura popular contemporânea, aparecendo em quadrinhos, videogames e produções literárias, como no livro *A Princesa Khutulun* (2017), escrita pela jornalista, cineasta e ativista mongol Shuudertsetseg Baatarsuren (Ventura, 2023). Assim, enquanto no Ocidente sua figura parece ter sido frequentemente reinterpretada como a de uma mulher orgulhosa que eventualmente se rende ao amor, na Mongólia sua memória permanece mais associada à imagem de guerreira e símbolo de força (Weatherford, 2010).

Considerações finais

Qutulun destacou-se em uma sociedade que, embora atribuísse às mulheres funções políticas, econômicas e até militares mais amplas do que aquelas observadas em muitas sociedades sedentárias contemporâneas e daquele período, ainda mantinha importantes limitações relacionadas ao gênero. Mesmo no contexto mongol, posições de liderança ocupadas por mulheres frequentemente dependiam de suas conexões familiares com figuras masculinas de poder, evidenciando que a atuação feminina permanecia condicionada às estruturas políticas e dinásticas da época.

Portanto, Qutulun se sobressaiu não apenas por suas habilidades de combate, aspecto pelo qual, vale retomar, continua sendo lembrada na Mongólia, mas por sua participação política ao lado de seu pai, Qaidu. Essa trajetória demonstra que algumas mulheres mongóis conseguiam ocupar espaços tradicionalmente associados ao universo masculino, participando de batalhas, aconselhando líderes e influenciando disputas sucessórias, ainda que sua relativa autonomia encontrou limites após a morte do governante. Ao apoiar as reivindicações de seu irmão Orus durante a disputa sucessória, Qutulun viu sua influência política enfraquecer diante da ascensão de Chapar. Posteriormente, o rompimento da aliança entre Chapar e Du'a desencadeou conflitos que possivelmente culminaram na perseguição e morte de diversos membros da família Ögödeida, incluindo a sua própria.

No entanto, apesar das limitações existentes em torno da reconstrução histórica de sua trajetória, conforme discutido, a memória da princesa permaneceu viva ao longo dos séculos, inspirando uma série de outras produções culturais contemporâneas. Sua permanência no imaginário popular evidencia, para além do fascínio de sua figura, a relevância de revisitar experiências históricas femininas frequentemente marginalizadas ou secundarizadas pelas narrativas tradicionais. Por fim, o percurso trilhado por Qutulun convida à reflexão sobre os múltiplos papéis desempenhados pelas mulheres ao longo da história, que ultrapassam amplamente os limites das funções tradicionalmente atribuídas ao “feminino” em diferentes sociedades.

No atual contexto de escrita desse material, ainda atravessado por discussões sobre igualdade de gênero e reconhecimento da participação feminina nos espaços de poder, recuperar figuras como Qutulun torna-se também uma forma

de questionar apagamentos históricos e reafirmar a importância das mulheres como agentes militares. Especialmente em meio às reflexões suscitadas pelo Dia Internacional da Mulher, espera-se que o presente texto evidencie que a presença feminina na construção de sociedades não constitui uma exceção dos nossos dias, mas parte de uma longa trajetória, complexa e, infelizmente, frequentemente invisibilizada.

REFERÊNCIAS

B BARBOSA, Elaine Senise. Genghis Khan e as conquistas mongóis. In: MAGNOLI, Demétrio (org.). História das guerras. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BIRAN, Michal. Qutulun: The Warrior Princess of Mongol Central Asia. In: BIRAN, Michal; BRACK, Jonathan; FIASCHETTI, Francesca (org.). Along the Silk Roads in Mongol Eurasia: Generals, Merchants, Intellectuals. Oakland: University of California Press, 2020, p. 64-85.

BIRAN, Michal. Qaidu and the rise of the independent Mongol state in Central Asia. Richmond: Curzon Press, 1997.

BRITANNICA EDITORS. Wrestling. Encyclopaedia Britannica, 31 out. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/sports/wrestling>. Acesso em: 14 dez. 2025.

BRITANNICA EDITORS. Il-Khanid Dynasty. Encyclopaedia Britannica, 12 jun. 2026. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Il-Khanid-dynasty>>. Acesso em: 27 jun. 2026.

DE NICOLA, Bruno. Las mujeres mongolas en los siglos XII y XIII: Un análisis sobre el rol de la madre y la esposa de Ghinggis Khan. Acta historica et archaeologica mediaevalia, vol. 27-28, p. 37-63, 2008.

HOPE, Michael. An ulus within an ulus: the afterlife of Ariq Böke's appanage in the Mongol Empire (1252-1336). Bulletin of the School of Oriental and African Studies, vol. 88, n.1, p. 49-69, 2025. Doi:10.1017/S0041977X24000612.

LUTZ, R. C. Qutulun. EBSCO Research Starters, 2023. Disponível em: <https://www.ebsco.com/research-starters/history/qutulun>. Acesso em: 14 dez. 2025.

STÉPANOFF, Charles. Introduction aux chamanismes sibériens à partir d'exemples des Turcs de l'Altaï-Saïan. Annuaire de l'École pratique des hautes études (EPHE), Section des sciences religieuses, n. 116, 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/asr/565>. Acesso em: 28 jun. 2026. DOI: <https://doi.org/10.4000/asr.565>.

VENTURA, Dalia. Quién fue la princesa Khutulun, la descendiente de Genghis Khan que se convirtió en una legendaria luchadora. BBC News Mundo, 1 out. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/articles/cp98glp3pvjo>. Acesso em: 14 dez. 2025.

WEATHERFORD, Jack. The Wrestler Princess. Lapham's Quarterly, Roundtable, 27 set. 2010. Disponível em: <<https://www.laphamsquarterly.org/roundtable/wrestler-princess>>. Acesso em: 17 dez. 2025.

Abstract: Qutulun was a Mongol princess who lived between the 13th and 14th centuries in Central Asia, in a region that today partially corresponds to the territory of Kazakhstan. Her trajectory provides important insights into the possibilities and limitations experienced by women in Mongol society, particularly in the political and military spheres. In this context, the present article aims to contextualize Qutulun's historical trajectory by examining her political, military, and symbolic roles, while also discussing the position occupied by women in the Mongol world. Furthermore, the study analyzes how her memory has been preserved and reinterpreted over time, both in historical chronicles and in contemporary popular culture. To achieve these objectives, the article adopts a qualitative approach based on secondary sources, especially academic studies and historiographical analyses grounded in chronicles that portray the princess's life from different perspectives.

Keywords: Qutulun; Khutulun; Mongol Society; Women in History.

Recebido em 01 de janeiro de 2026

Aceito em 15 de maio de 2026

Como citar:

BATISTA, Taynara Martins. A Relação entre Gênero e Poder no Império Mongol e o resgate histórico de Qutulun. *Eurásia em Foco*, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 42-53, Mar./Mai. 2026. Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE).

SOBRE O CIRE

O Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE), fundado em setembro de 2023, está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP, PUC-SP) como subgrupo do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES). O CIRE é um grupo de estudos autônomo, de caráter científico, dedicado aos estudos sobre Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético. Sua missão é fomentar pesquisas e debates sobre dinâmicas políticas, econômicas, sociais e culturais da região a partir de perspectivas brasileiras e promover o diálogo e parcerias entre pesquisadores nacionais e internacionais em temas como relações internacionais, segurança, história e sociedade.

Linhas de Pesquisa

Política Internacional e Política Externa: Estudo do processo de construção dos Estados Nacionais eurásianos e da formulação e implementação de suas políticas exteriores. Descrição analítica das relações intra-região, seus objetivos comuns e divergências internas, êxitos e fracassos, na edificação de um sistema regional. Análise da inserção internacional da Rússia e dos Estados pós-soviéticos, suas relações com as potências ocidentais e com os novos atores da arena Sul-Sul.

Desenvolvimento, Segurança e Integração Regional: Análise das transformações geopolíticas e econômicas no Pós-Guerra Fria, emergência da Rússia e dos países eurásianos no cenário internacional, processos de integração, com sua lógica política e possibilidades de formação de um regionalismo pós-soviético. Estudo da região enquanto novo campo de disputa estratégica global em função da crise energética e de recursos naturais e alimentares, bem como a nova e crescente relevância de dinâmicas securitárias e dos conflitos locais.

História, Cultura e Sociedade: Investigação multidisciplinar sobre as diversas áreas de influências que moldaram o desenvolvimento socioeconômico, político e cultural da Rússia e do espaço eurásiano ao longo do tempo. Análise da formação da União Soviética até as dinâmicas regionais contemporâneas, aprofundando o entendimento das narrativas históricas, transformações culturais, buscando analisar as interações sociais que delinearam as identidades dessa vasta e diversificada região.

Membros

Ana Livia Ayres Cardoso (Universidade de São Paulo, Brasil)

Áreas de atuação: Política externa soviética; Identidade e cultura; Diplomacia cultural soviética; Construtivismo e políticas dos afetos.

Ana Livia Esteves (Escola Superior de Economia, Rússia)

Áreas de atuação: Relações Brasil-Rússia, Política externa russa e Política nuclear.

Danielle Makio (PPGRI San Tiago Dantas, Brasil)

Áreas de atuação: Política externa russa; Relações sino-russas; Ásia Central; Separatismos no espaço pós-soviético.

Getúlio Alves de Almeida Neto (PPGRI San Tiago Dantas, Brasil)

Áreas de atuação: Política externa russa; Política de defesa e segurança da Rússia; Doutrina militar e forças armadas russas; Ártico.

Guilherme Geremias da Conceição (PPGRI San Tiago Dantas, Brasil)

Áreas de atuação: Construção do Estado na URSS; Política externa das repúblicas da Ásia Central; Integração regional no espaço pós-soviético.

Jonathan Christian Dias dos Santos (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil)

Áreas de atuação: Códigos geopolíticos, Política externa na Ásia Central, Relação China-Ásia Central.

Maria Eduarda Carvalho de Araujo (PPGRI San Tiago Dantas, Brasil)

Áreas de atuação: Política externa russa; Memória histórica; Segurança ontológica e identidade no espaço pós-soviético.

Matheus Pereira Jorge (Universidade Estatal de São Petersburgo, Rússia)

Áreas de atuação: Diplomacia Nuclear Russa, Engenharia Nuclear, Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear (DQBRN).

Nathana Garcez Portugal (PPGRI San Tiago Dantas, Brasil)

Áreas de atuação: Economia Política Internacional, Energia, Geopolítica, Geoeconomia, Transição Energética, BRICS, e Mar Cáspio

Pérsio Glória de Paula (Universidade Estatal de São Petersburgo, Rússia)

Áreas de atuação: Política externa russa; Geopolítica e geoestratégia da Rússia; Identidade nacional; BRICS.

Tito Lívio Barcellos (PPGRI San Tiago Dantas, Brasil)

Áreas de atuação: Geopolítica da Rússia; Doutrina militar e forças armadas russas; Geoestratégia do espaço pós-soviético.

Parceiros

PPGRI San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP, PUC-SP)

O Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas foi fundado em 2003 por intermédio de uma parceria entre a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A associação, construída pela interação das três universidades, mantém importantes bibliotecas, centros de documentação, estruturas informatizadas e tem representado, desde a sua criação, a utilização de tais recursos com excelência, evidenciando uma nova capacidade de ensino e pesquisa.

Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES)

O Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES) foi fundado em 2001, na Faculdade de História, Direito e Serviço Social, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), no campus de Franca, por iniciativa de um grupo de professores e alunos interessados no tema da Paz, da Defesa e da Segurança Internacional. Constitui-se como Grupo Acadêmico dentro da estrutura da Universidade, e foi o primeiro do campus de Franca a ser reconhecido pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq) como grupo de pesquisa.

Contato e redes sociais do CIRE

Praça da Sé, Nº108
3º Andar
São Paulo, São Paulo
Brasil - CEP 01001-900
Fone: +55 (11) 3116-1770
E-mail: cire.ppgstd@gmail.com

Instagram: [@cire_gedes](https://www.instagram.com/@cire_gedes)
X: [@cire_gedes](https://twitter.com/@cire_gedes)
Site: gedes-unesp.org/cire/





Centro de
Investigação em
Rússia, Eurásia e
Espaço Pós-Soviético
UNESP-UNICAMP-PUCSP